



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**COLONIALIDADE, HISTÓRIA ÚNICA E DESUMANIZAÇÃO
NO JORNALISMO HEGEMÔNICO: O CASO DOS MENINOS
DE BELFORD ROXO**

JENIFFER DOS SANTOS CAVALCANTI

Rio de Janeiro

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**COLONIALIDADE, HISTÓRIA ÚNICA E DESUMANIZAÇÃO
NO JORNALISMO HEGEMÔNICO: O CASO DOS MENINOS
DE BELFORD ROXO**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social – Jornalismo.

JENIFFER DOS SANTOS CAVALCANTI

Orientadora: Profa. Dra. Pâmela Guimarães da Silva

Rio de Janeiro

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

C376c Cavalcanti, Jeniffer dos Santos
Colonialidade, história única e desumanização no jornalismo hegemônico: o caso dos meninos de Belford Roxo / Jeniffer dos Santos Cavalcanti. -- Rio de Janeiro, 2022.
73 f.

Orientadora: Pâmela Guimarães-Silva.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Bacharel em Comunicação Social: Jornalismo, 2022.

1. colonialidade. 2. história única. 3. meninos de Belford Roxo. 4. mídia hegemônica. 5. jornalismo decolonial. I. Guimarães-Silva, Pâmela, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho **Colonialidade, história única e desumanização no jornalismo hegemônico: o caso dos meninos de Belford Roxo**, elaborado por **Jeniffer dos Santos Cavalcanti**.

Aprovado por

Documento assinado digitalmente
gov.br PAMELA GUIMARAES DA SILVA
Data: 22/12/2022 15:03:13-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Profa. Dra. Pâmela Guimarães da Silva (orientador)


Profa. Dra. Zilda Martins Barbosa


Flávia Oliveira da Fraga

Grau: 9,5

Rio de Janeiro, no dia 21/12/2022.

Rio de Janeiro

2022

AGRADECIMENTOS

As palavras escritas aqui significam o fim da jornada mais importante dos meus 23 anos de vida. Mas também representam o início de uma nova fase que está por vir. A pequena Jeniffer sonhou muito com o dia em que se tornaria jornalista, e aqui estou eu, prestes a realizá-lo. Por isso, agradeço a quem me deu todo o apoio para que eu chegasse lá.

Em primeiro lugar, agradeço às duas mulheres mais importantes da minha vida, minha mãe Michele e minha avó Esther. Sem vocês duas eu não conseguiria conquistar nem a metade daquilo que já alcancei. Por isso, o diploma não será só meu, ele também é de vocês. Muito obrigada aos meus irmãos, Anna Beatriz e Samuel, que são os melhores amigos que eu poderia ter. Obrigada também ao meu tio Filipe, por todo o apoio e incentivo desde sempre. Aos meus tios Elizabeth e Moysés que me deram todo o suporte sempre que precisei, meu muito obrigado. E apesar de não estarem mais aqui de corpo presente, agradeço ao meu avô Zé Carlos e minha bisavó Iara, cujas memórias me dão forças para prosseguir. Vocês, minha família, são minha rocha desde sempre e pra sempre. Amo vocês infinitamente.

Muito obrigada ao meu amor, Lucas Samuel, que me deu todo o incentivo e apoio emocional possível desde o início da faculdade. Foi porto seguro nos momentos de frustração e meu companheiro nas horas de alegria. Passou os últimos dois anos me ouvindo falar sobre o tema deste trabalho e ainda leu e discutiu comigo os capítulos que escrevi. Dividir a vida com você sempre será a melhor decisão que eu pude tomar. Te amo muito e muito.

Agradeço também aos grandes amigos que a Escola de Comunicação me deu: Julia e Camila, que foram minhas maiores parceiras e amigas do peito durante toda a graduação; Zé e Davi, os caras mais legais da ECO inteira e meus amigos para todas as horas; e Ana Luiza, Júlia e Letícia, minhas companheiras no estudo, na vida e no trabalho. Muito obrigada por terem dividido as felicidades e as dores dos últimos cinco anos comigo. Levo vocês pra vida toda! Agradeço também ao Felipe, que compartilha a vida comigo desde o Ensino Médio e que viu desabrochar a mulher de dentro da menina. Por fim, muito obrigada a Daniela, Malu, Lays, Madu e Mariana, amigas que chegaram há pouco na minha vida, mas que já ocupam um grande espaço no meu coração. Amo muito todos vocês, obrigada por todo o apoio e compreensão nos últimos meses.

Um obrigado especial à minha grande parceirinha, Bell. Que, do seu jeitinho, esteve ao meu lado, literalmente, durante todos os meses que escrevi este trabalho. Seus lambeijos, afagos e nossas pausas pro passeio me trouxeram calma e força para continuar quando tudo

parecia complicado demais.

Agradeço a Marianne e Bira, meus gestores, que me deram todo suporte para que eu pudesse trabalhar e, ao mesmo tempo, escrever esta monografia com toda dedicação possível; e a tantos outros parceiros profissionais que me incentivaram e apoiaram durante essa extraordinária jornada.

À minha orientadora, Pâmela, agradeço pela parceria, por ter acreditado em mim e neste trabalho, por ter me guiado em cada etapa do processo para que ele ganhasse vida e por ter tornado mais tranquilo esse momento tão crucial da graduação. Sozinha, com certeza, eu não conseguiria.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a Deus por ter me dado forças e me abençoado com tantas e maravilhosas graças.

Parafraseando o grande Emicida: quem costuma vir de onde eu sou, às vezes não tem motivos para seguir. Mas como a única representante do meu sonho na face da terra, levantei e andei. No entanto, não caminhei sozinha. Porque esse não é um trabalho construído só por mim, mas pelas mãos dos meus ancestrais. Ele foi erguido por tantos outros homens e mulheres negras que enfrentaram a desumanização que nos afeta todos os dias. É uma luta por Alexandre, Fernando, Lucas e tantos outros.

Tudo que *nóiz* tem é *nóiz*.

“Andava como se quisesse emendar um tempo ao outro,
seguia agarrando tudo, o passado-presente-e-o-que-há-de vir.”

– Conceição Evaristo, Ponciá Vicêncio

CAVALCANTI, Jeniffer dos Santos. **Colonialidade, história única e desumanização no jornalismo hegemônico: o caso dos meninos de Belford Roxo**. Orientadora: Pâmela Guimarães da Silva. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2022.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a pensar a prática jornalística hegemônica através de uma ótica decolonial, investigando como a colonialidade impacta na criação de histórias únicas pelo jornalismo da grande mídia brasileira. A fim de elucidar a questão, analisamos a cobertura realizada pelos jornais O Globo e Folha de S.Paulo sobre o desaparecimento e morte de três crianças negras, que ficou conhecido como o caso dos meninos de Belford Roxo. Para tal, foi construído um referencial teórico em torno dos estudos decoloniais e do conceito de história única, de Chimamanda Adichie. O *corpus* metodológico é composto pelas matérias publicadas on-line pelos dois jornais, entre 29 de dezembro de 2020 e 10 de dezembro de 2021. A partir de nossa grade analítica concluímos que foi criada uma história única sobre Alexandre, Fernando e Lucas pela mídia hegemônica brasileira.

Palavras-chave: colonialidade; história única; meninos de Belford Roxo; mídia hegemônica; jornalismo decolonial.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. O UNIVERSAL E O OUTRO: LÓGICAS DE PODER E DESUMANIZAÇÃO	5
2.1 A construção do Outro	5
2.2 Colonialidade	8
2.3 A criação de Histórias Únicas	11
3. NARRATIVAS DESUMANIZANTES NO JORNALISMO DA GRANDE MÍDIA	16
3.1 Práticas jornalísticas	16
3.2 A criação de estereótipos	20
4. ALEXANDRE, FERNANDO HENRIQUE E LUCAS MATHEUS: O CASO DOS MENINOS DE BELFORD ROXO	28
4.1 O caso	28
4.2 Repercussão na mídia	31
4.3 Metodologia	34
5. ANÁLISE DA COBERTURA DOS JORNAIS O GLOBO E FOLHA DE S.PAULO	37
5.1 Localização geográfica	37
5.2 Racialidade	41
5.3 Lógicas para a construção narrativa	45
5.4 Estereótipo	48
6. CONCLUSÃO	50
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
8. APÊNDICES	58
8.1 Apêndice A	58
8.2 Apêndice B	63

1. INTRODUÇÃO

As histórias são definidas pelo poder. E, há 500 anos, elas são usadas para difamar, espoliar e destroçar a dignidade de pessoas negras. A gênese dessa questão remonta ao processo de colonização do Brasil, quando foram constituídas hierarquias determinadas principalmente pela cor da pele. Essas estruturas geram, ainda hoje, diversas desigualdades, mesmo com o fim da colonização. Isso porque a colonialidade, compreendida aqui como uma lógica global de desumanização, mantém as mesmas relações de poder que foram estabelecidas ainda no momento do colonialismo. Entendida como uma dimensão simbólica do projeto colonial, a colonialidade naturaliza hierarquias, produz subalternidades e se propaga de diversas maneiras ao longo do tempo. Entre elas, pela história única, um conceito criado e divulgado por Chimamanda Adichie (2019) para nomear os casos em que uma narrativa é contada de apenas um ponto de vista. Essa dinâmica não só reduz o conhecimento sobre determinado fato, como cria estereótipos desumanizantes sobre aqueles que não têm a autoridade do relato.

Compreendendo o jornalismo como um dos pilares discursivos das sociedades e, portanto, fadado a reproduzir ou refutar as histórias únicas, nesta pesquisa, apresentaremos como o jornalismo pode reproduzir em seu discurso as lógicas dominantes da colonialidade e se apresentar como um dos meios mais utilizados para difundir as histórias únicas. Principalmente porque sua práxis se baseia em ideais moderno-iluministas como a neutralidade e a objetividade, que são marcados pela pretensão universal do pensamento europeu. Aumentado seu potencial, portanto, para ser uma ferramenta para a desumanização de indivíduos racializados.

Nesse sentido, o presente trabalho se propõe a investigar *como a colonialidade impacta na criação de histórias únicas pelo jornalismo da grande mídia brasileira*. A fim de elucidar essa questão, observaremos a cobertura jornalística, realizada pelos jornais O Globo e Folha de S.Paulo, do que ficou conhecido como o caso dos meninos de Belford Roxo; o episódio do desaparecimento e assassinato de três crianças negras moradoras de uma região periférica do Rio de Janeiro.

No dia 27 de dezembro de 2020, Alexandre da Silva, Fernando Henrique e Lucas Matheus, de 10, 11 e 8 anos respectivamente, desapareceram na cidade de Belford Roxo, na Baixada Fluminense, onde moravam. A resolução do caso aconteceu cerca de um ano depois, quando a Polícia Civil divulgou que as três crianças foram assassinadas depois de uma sessão de tortura realizada por traficantes do local. Durante os meses de investigações, a grande

mídia brasileira noticiou os desdobramentos do caso, com foco principalmente nas operações da polícia contra o tráfico de drogas que atuava na região.

A partir do acompanhamento do caso na mídia, de debates em sala de aula – que comparavam o caso dos meninos a outros casos semelhantes que ocorreram no mesmo período – e de uma imersão nas matérias jornalísticas publicadas, *nossa hipótese é a de que as coberturas realizadas pelos jornais da mídia hegemônica brasileira contribuíram para a criação de uma história única de Alexandre, Fernando e Lucas.*

A discussão que será realizada nesta pesquisa se justifica pela necessidade de olhar a criação de narrativas jornalísticas com um recorte racial, já que o jornalismo como prática social está intrinsecamente ligado às relações de poder e saber. Deste modo, nosso trabalho tem três objetivos principais. O primeiro deles é pensar o jornalismo hegemônico através de uma ótica decolonial. Isto é, que se afasta da pressuposta universalidade do pensamento, que foi determinada pelo eurocentrismo e recupera uma racionalidade que foi subalternizada, transgredindo a colonialidade histórica. Em seguida, nosso propósito é compreender de que forma as histórias únicas são criadas no jornalismo e qual o impacto da colonialidade nesse processo, não só para indagar o domínio racial que é reproduzido por essa prática, mas para estimular um jornalismo cada vez menos reprodutor de preconceitos e estereótipos. Por fim, nosso intuito é analisar a cobertura do caso dos meninos de Belford Roxo pelos jornais O Globo e Folha de S.Paulo, a fim de verificar a nossa hipótese.

Portanto, o trabalho se revela pertinente ao campo de pesquisa da comunicação e do jornalismo uma vez que os estudos decoloniais, principalmente aqueles afrocentrados, ainda são recentes no Brasil. Na comunicação, poucos autores se debruçam na interseção entre jornalismo e colonialidade e a maioria dessas análises têm como objeto de estudo mídias alternativas. No entanto, faz-se necessário discutir o papel do jornalismo hegemônico na reprodução de estereótipos e narrativas desumanizantes, visto o alcance e impacto que as publicações de tais veículos têm na sociedade. Para além disso, uma investigação sobre a cobertura do caso dos meninos de Belford Roxo se mostra relevante e urgente de ser realizada, à medida que este é um episódio bastante atual, já que seus desdobramentos aconteceram no ano de 2021.

Isto posto, a primeira parte da pesquisa será norteadas por princípios dos estudos decoloniais. Trataremos de conceitos como racialidade, colonialidade, história única, estereótipos, além de dinâmicas que fundamentam a prática jornalística. Realizada a revisão bibliográfica, a metodologia de trabalho seguirá com a análise da cobertura do caso pelos jornais O Globo e Folha de S.Paulo. O *corpus* analítico será composto por notícias publicadas

na versão on-line dos jornais durante o período de investigações do caso pela polícia, que vão da semana do desaparecimento de Alexandre, Fernando e Lucas, no fim de 2020, até a conclusão do inquérito, no início de dezembro de 2021. As quatro categorias que compõem a grade analítica foram identificadas a partir do referencial teórico a fim de descobrir como as histórias únicas ocorrem no espaço midiático jornalístico.

No primeiro capítulo da pesquisa serão discutidas as lógicas de poder e desumanização de povos subalternizados oriundas do colonialismo, assim como as marcas deixadas por elas na produção do saber e na criação de narrativas históricas. Desta forma, o primeiro tópico, se propõe a observar a colonização como gênese da segregação e desumanização de seres não brancos. Abordaremos a ideia de Contrato Racial, teorizada por Charles Wade Mills, a fim de compreender a questão da racialidade. Nesse momento, a branquitude passou a ser considerada uma identidade universal, delegando todos aqueles que não se encaixam no padrão hegemônico à categoria do *Outro*.

Em seguida, trataremos do conceito de colonialidade, central à nossa discussão, já que essa dimensão simbólica do colonialismo perdura na atualidade mesmo sem a existência de colônias formais. Serão abordados autores dos estudos decoloniais como Aníbal Quijano, Nelson Maldonado-Torres e Walter D. Mignolo, a fim de compreender as três dimensões básicas da colonialidade – poder, ser e saber. A terceira delas será essencial à pesquisa, uma vez que exclui os seres subalternos e racializados da produção intelectual, alçando o pensamento europeu como universal. Por fim, o terceiro tópico apresentará o conceito de história única, desenvolvido por Chimamanda Ngozi Adichie. Trataremos de como as narrativas, quando contadas de apenas um ponto de vista, criam estereótipos desumanizantes.

O foco do segundo capítulo da pesquisa estará na prática jornalística. Assim como na ciência e na literatura, o jornalismo também reproduz as relações de poder que moldam a sociedade brasileira. Por isso, é essencial questionar como as dinâmicas dessa práxis atuam nas narrativas sobre povos subalternizados. Nesse sentido, discutiremos as bases positivistas desse campo de atuação, que assim como a ciência, se fundamenta em pressupostos como neutralidade e objetividade. A discussão será realizada a partir de autores que pensam o jornalismo através de uma perspectiva decolonial, como Fabiana Moraes e Márcia Veiga da Silva; além de autores da teoria e da epistemologia do jornalismo, como Nelson Traquina e Cremilda Medina.

O tópico seguinte será dedicado à criação de estereótipos pelo jornalismo. Para iniciar a questão, investigaremos quais indivíduos compõem a classe jornalística e, por conseguinte, quais pontos de vista são abordados pelos veículos. A fim de dar profundidade à discussão,

abordaremos o conceito de estereotipagem definido por Stuart Hall. Ademais, apontaremos os estereótipos que aparecem com mais frequência nas narrativas do jornalismo sobre pessoas negras.

A partir do terceiro capítulo o trabalho se concentrará na cobertura do caso dos meninos de Belford Roxo. Serão apresentadas as circunstâncias do desaparecimento de Alexandre, Fernando e Lucas, os desdobramentos da investigação policial e a conclusão do inquérito, quando foram confirmadas as mortes. A partir dos fatos, discutiremos a baixa repercussão na mídia hegemônica, principalmente quando em comparação a casos de homicídio ou desaparecimento de crianças brancas. No tópico que fecha o capítulo, apresentaremos a metodologia que será utilizada para a análise, composta de um corpus analítico dividido em quatro categorias: *localização geográfica*, *racialidade*, *lógicas para a construção da narrativa* e *estereótipos*.

Por fim, no quarto capítulo, realizaremos a análise da cobertura do caso pelos jornais O Globo e Folha de S.Paulo, em uma tentativa de verificar a hipótese de que foi criada uma história única sobre as vítimas e responder nossa questão de pesquisa.

A primeira categoria de análise será a da *localização geográfica*, na qual iremos investigar de que maneira o local onde os meninos nasceram, desapareceram e foram assassinados, isto é, a cidade de Belford Roxo é inserida na narrativa. O objetivo do critério será desvendar se a indicação da localização geográfica por parte dos veículos jornalísticos convoca ou constrói algum sentido no leitor da notícia e como isso impacta sua recepção.

Na segunda categoria, a da *racialidade*, serão examinados indícios da racialização de Alexandre, Fernando e Lucas de maneira a elucidar como e porquê as narrativas definem e propagam o pertencimento racial dessas crianças. Já no terceiro tópico, serão levadas em consideração as lógicas para a construção da narrativa jornalística, ou seja, as decisões tomadas pelos veículos para construir a história do caso durante o ano de investigações.

Por fim, a última categoria de análise se baseia no conceito de estereotipagem por Stuart Hall. O objetivo do critério é entender quais estereótipos foram criados na cobertura do caso dos meninos de Belford Roxo, com o intuito de desvendar qual história única sobre essas crianças foi construída.

2. O UNIVERSAL E O OUTRO: LÓGICAS DE PODER E DESUMANIZAÇÃO

A felicidade do branco é plena, a felicidade do preto é quase.¹
- Emicida

O processo de colonização europeu foi marcado pela violência. A dominação de determinados povos sobre outros criou estruturas de poder que geraram diversas desigualdades, colocando em xeque até mesmo a humanidade dos povos dominados. Em concordância com essa afirmação, Aimé Césaire, intelectual martinicano, defende que “a colonização desumaniza até o homem mais civilizado” (CÉSAIRE, 2020, p. 23). Por tal razão, este capítulo se propõe a discutir as lógicas de poder e desumanização de povos subalternizados oriundas do colonialismo. Assim como as marcas deixadas por elas na produção do saber e na criação de narrativas históricas.

2.1 A construção do Outro

Este trabalho tem como foco as narrativas provenientes da prática jornalística. Nossa hipótese é a de que tais histórias não são completamente neutras e objetivas, uma vez que emergem em uma sociedade estruturada por desigualdades, especialmente, as raciais. Dessa forma, a nosso ver, faz-se necessário desvendar os fundamentos das lógicas de pensamento e poder que conhecemos. Assim, para entender a realidade dos povos racializados na atualidade é preciso retomar à colonização, observando-a como a gênese da segregação e desumanização de seres não-brancos. O filósofo caribenho Charles Wade Mills teoriza a ideia de Contrato Racial, fundamental para compreender esse processo.

A partir das expansões marítimas, nas quais existiram seres dominados e dominadores, o pressuposto para determinar um padrão de igualdade foi a cor da pele. Para Charles Mills é nesse momento histórico que se firma o Contrato Racial, que determina o estado de brancos e não brancos. Numa releitura do Contratualismo clássico, o autor afirma que esse é um acordo ajustado entre pares, isto é, apenas entre os sujeitos brancos.

Ao pensarmos o Contrato Racial de Mills no contexto brasileiro, Velho afirma:

O Contrato Racial é estruturado por relações de poder e dominação que ocorreram ao longo do tempo, sem cometer o risco do exagero, podemos

¹ EMICIDA. Ismália. Sony Music/Laboratório Fantasma: 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4pBp8hRmynI>. Acesso em: 30 set. 2022.

dizer que, no território brasileiro, desde a chegada dos europeus, passou a existir um sistema social e racial onde a “raça” dominante realizou acordos de hegemonia sobre a mão de obra escravizada. (2020, p. 65)

Charles Mills assegura a existência de uma supremacia branca que, ao longo dos séculos, passou a determinar relações e estruturas de poder. Para o autor, “o mundo em que vivemos foi moldado fundamentalmente nos últimos quinhentos anos pelas realidades da dominação europeia e pela consolidação gradual da supremacia branca global” (MILLS, 1997, p. 15, tradução nossa)². Por conseguinte, segundo Mills, os brancos europeus emergiram “como senhores da raça humana” (MILLS, 1997, p. 20, tradução nossa)³.

Portanto, além da clara perspectiva de dominação, que coloca seres racializados na posição de subordinados, o Contrato Racial também possui uma perspectiva epistêmica. Nela a supremacia branca se apresenta como um sistema político, mesmo que não seja classificado como tal. À vista disso, o branco torna-se o sujeito universal da sociedade.

O discurso europeu sempre destacou o tom da pele como a base principal para distinguir status e valor. As noções de “bárbaros”, “pagãos”, “selvagens” e “primitivos” evidenciam a cosmologia que orientou a percepção eurocêntrica do outro nos grandes momentos de expansão territorial da Europa. (BENTO, 2022, p. 28)

Ao analisar os estudos de Mills sobre a existência do Contrato Racial, Sueli Carneiro (2005, p. 43) conclui que tal acordo não cria uma condição de igualdade na sociedade, como expunha o contratualismo clássico, mas sim um estatuto da humanidade, que define quais sujeitos possuem humanidade plena. Portanto, quanto mais branco, mais humano um indivíduo pode ser.

Grada Kilomba chama atenção para o estado da branquitude como uma identidade no poder que permanece inominada. Essa identidade é colocada no centro de tudo, mas não é enxergada como um padrão, e sim como sinônimo de humanidade. Já que, no geral, as pessoas brancas não se classificam dentro de um parâmetro de racialidade, mas apenas como humanas. “A branquitude é sentida como a condição humana. No entanto, é justamente esta equação que assegura que a branquitude continue sendo uma identidade que marca outras, permanecendo não marcada” (KILOMBA, 2016, p. 8).

Cida Bento também considera que há uma supremacia branca que atua como um sistema político. Para a autora, a noção de “raça” é construída a partir da perspectiva do

² No original: *We live in a world which has been foundationally shaped for the past five hundred years by the realities of European domination and the gradual consolidation of global white supremacy.*

³ No original: *Europeans thereby emerge as “the lords of human kind”, the “lords of all the world.*

homem branco como universal. Nesse contexto, é importante deslocar o foco dos estudos da racialidade para o papel que a branquitude desempenha na manutenção dessa opressão. Segundo Bento, a transmissão do poder hegemônico atravessa gerações e “sua perpetuação no tempo se deve a um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios” (2022, p. 18). Esse pacto da branquitude teria um componente narcísico, de autopreservação, já que o “outro” ameaçaria o considerado “normal”, “universal”. Assim, como afirma a autora, “foi no bojo do processo de colonização que se constituiu a branquitude. Os europeus, brancos, foram criando uma identidade comum que usou os africanos, negros, como principal contraste” (BENTO, 2022, p. 28) .

Desse modo, a identidade do sujeito branco é construída a partir da sua relação com o diferente, o *Outro*. Kilomba se utiliza da psicanálise para entender como o projeto colonial criou tal dissemelhança. Para a autora, no racismo a negação é utilizada a fim de manter e legitimar estruturas e processos de exclusão. Os sujeitos não brancos são transformados em inimigos intrusivos, criando o *Outro* como antagonista do Eu branco. Nessa dinâmica, Kilomba afirma que os sujeitos racializados são não apenas o *Outro*, como também a *Outridade*. Isto é, “a personificação dos aspectos repressores do ‘eu’ do sujeito branco. Em outras palavras, nós nos tornamos a representação mental daquilo com o que o sujeito branco não quer se parecer” (KILOMBA, 2019, p. 38).

A construção da identidade desses indivíduos é, portanto, interrelacionada. Ao mesmo tempo em que a branquitude é construída a partir da diferença, os seres não brancos são forçados a se enxergar apenas através da presença alienante da brancura. Neste arranjo, a sociedade passa a ser inconscientemente branca e eurocêntrica. “A natureza desigual dessa relação permitiu que os brancos estipulassem e disseminassem o significado de si próprios e do outro através de projeções, exclusões, negações e atos de repressão” (BENTO, 2022 p. 28). Para Kilomba esse é o trauma do sujeito negro, que permanece em um estado de absoluta *Outridade* em relação ao branco e interpretado sempre “como diferente, como incompatível, como conflitante, como estranho, como incomum” (KILOMBA, 2019, p. 40), e nunca como “Eu”. Assim, são criadas sub-humanidades.

No entanto, é importante ressaltar que, de acordo com Charles Mills (1997, p. 11), nem todos os brancos são signatários do Contrato Racial, apesar de serem beneficiários dele.⁴ Desta forma, é mais que necessário observar a branquitude como um sistema, a fim de resolver as questões criadas pela brutalidade da colonização europeia. Da mesma maneira, é urgente entender os impactos positivos do colonialismo para a supremacia branca. A dada

⁴ No original: *All whites are beneficiaries of the Contract, though some whites are not signatories to it.*

universalidade desses seres impactou todo um sistema de pensamento que desumaniza existências não hegemônicas e determina como essas realidades serão contadas.

2.2 Colonialidade

Um conceito fundamental para discutir a ideia de universalidade do pensamento e as lógicas desumanizadoras é o da colonialidade, que será abordado neste tópico. No entanto, ao tratar de tal assunto, uma primeira diferenciação de termos, no que tange às ideias de colonialismo e colonialidade, se faz necessária. O colonialismo é o momento histórico da dominação europeia e da formação dos territórios coloniais. Já a colonialidade é compreendida como uma dimensão simbólica do colonialismo. De acordo com Maldonado-Torres, ela é uma lógica global de desumanização que perdura mesmo sem a existência de colônias formais. Para o autor, “a ‘descoberta’ do Novo Mundo e as formas de escravidão que imediatamente resultaram daquele acontecimento são alguns dos eventos-chave que serviram como fundação da colonialidade” (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 36). Essa dimensão simbólica manteria as relações de poder estabelecidas no momento do colonialismo, determinadas principalmente pela cor da pele. Ou seja, com base na naturalização de determinadas hierarquias, produz subalternidades, suprimindo as formas de conhecimento, experiências e vivências dos povos dominados e explorados pelo projeto colonial. Sendo assim, mesmo com o fim do colonialismo essa lógica de dominação perdura e se propaga de diferentes maneiras ao longo do tempo.

Diversos autores latino-americanos se dedicaram a estudar esse fenômeno, como Aníbal Quijano (1992 e 2005), Joaze Bernadino-Costa, Nelson Maldonado-Torres e Ramón Grosfoguel (2020) e Walter Mignolo (2017), entre outros. Tais intelectuais formam uma corrente transdisciplinar de pensamento intitulada grupo Modernidade/Colonialidade que, em uma perspectiva decolonial, discute criticamente as relações de poder construídas na América Latina a partir da colonização. Além disso, tratam da modernidade como um momento histórico intrínseco à colonialidade.

Segundo o filósofo argentino Walter Mignolo (2017, p. 2), não existe modernidade sem colonialidade, visto que enquanto a modernidade constrói uma narrativa de civilização ocidental e celebra suas conquistas, também esconde seu lado mais escuro, a colonialidade. Esse momento histórico é apresentado como o momento da luz, no qual houve reformas e revoluções civilizatórias, progressão da ciência e a apresentação do europeu como o Homem Universal. No entanto, foi um período baseado na dominação do corpo e da mente dos seres

colonizados. No qual tradições culturais e filosóficas foram desprezadas, em detrimento da emergência da racionalidade eurocêntrica como única verdadeira. “A modernidade, nessa sistematização, é uma narrativa europeia/ocidental que tem na colonialidade seu suporte e fundamento, sendo entendida como um modo de vida e um projeto civilizatório” (TONIAL; MAHEIRIE; GARCIA JR., 2017, p. 20).

Para os teóricos decoloniais, existem três dimensões básicas da colonialidade: a do poder, a do ser e a do saber. A ideia de colonialidade foi apresentada pela primeira vez pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano, no fim dos anos 1980, quando cunhou o termo colonialidade do poder. Essa é a esfera econômico-política, que representa uma estrutura de controle de diversos âmbitos: a economia, a autoridade, o gênero e a sexualidade, o conhecimento e a subjetividade. Para Quijano (2005), a ideia de raça e o eurocentrismo, atrelados ao capitalismo e à mercantilização da força do trabalho são a base da colonialidade do poder. Sendo assim, além da dominação territorial, ocorre o controle e imposição da língua, da cultura e do saber. O autor destaca que, na Ásia e no Oriente Médio, as altas culturas foram colocadas em um lugar de subalternidade em relação à cultura europeia. No continente africano, ela foi capturada pela categoria do exótico. Já na América Latina essa repressão cultural e a colonização do imaginário foram acompanhadas de grande brutalidade, com o massivo extermínio de indígenas (QUIJANO, 1992, p. 3). “Não somente terras e recursos são tomados, mas as mentes também são dominadas por formas de pensamento que promovem a colonização e a autocolonização” (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 41).

Já a colonialidade do ser representa uma esfera ontológica, isto é, com efeitos na experiência vivida dos seres colonizados. A sua característica fundamental é a negação do *Outro* não europeu, tendo a raça como categoria básica. Tal qual abordado no tópico anterior, foi no processo de colonização que os seres racializados foram subjugados como inferiores aos brancos. Essa inferiorização do subalterno colonial tem, portanto, efeitos que atravessam a constituição dos sujeitos, tanto daqueles que foram dominados, quanto dos dominadores.

De acordo com Silvio de Almeida, “a classificação dos seres humanos serviria, mais do que para o conhecimento filosófico, como uma das tecnologias do colonialismo europeu para a submissão e destruição de populações das Américas, da África, da Ásia e da Oceania” (2019, p. 28). Os povos colonizados passam a ser considerados não só naturalmente inferiores aos europeus, mas como anteriores numa escala de modernidade e civilidade, classificados como mais próximos da selvageria que da civilização.

A terceira dimensão da colonialidade é a do saber, essencial ao presente trabalho. Ela se apresenta como a esfera epistemológica das lógicas de dominação coloniais, sendo o efeito

da “subalternização, folclorização ou invisibilização de uma multiplicidade de conhecimentos e saberes que não correspondem às modalidades de produção de conhecimento associadas à ciência moderna” (RESTREPO; ROJAS apud TONIAL; MAHEIRIE; GARCIA JR., 2017, p. 21). É nesse âmbito que são determinados o pensamento e os pontos de vista válidos, ou seja, aqueles construídos pelo homem europeu.

Como aponta Grada Kilomba, os “conceitos de conhecimento, erudição e ciência estão intrinsecamente ligados ao poder e à autoridade colonial” (2019, p. 50). Estando no lugar da *Outridade*, os seres não brancos são desconsiderados como sujeitos da razão. Apenas a cultura europeia poderia ocupar esse lugar, subjugando todas as outras culturas ao lugar de “objeto” do pensamento. A colonialidade do saber, alinhada à modernidade, exclui os seres subalternos racializados da produção intelectual. Em outras palavras, como aponta Quijano (2005, p. 123), a modernidade e a racionalidade são imaginadas como experiências e produtos naturalmente de exclusividade europeia.

Essas construções intersubjetivas, produto da dominação colonial por parte dos europeus, foram inclusive assumidas como categorias (de pretensão ‘científica’ e ‘objetiva’) de significação a-histórica, isto é, como fenômenos naturais e não da história do poder. (QUIJANO, 1992, p. 1)

Tal racionalidade foi marcada pelas correntes iluminista e positivista do pensamento. No positivismo, os pressupostos das ciências sociais passaram a ser os mesmos das ciências da natureza, baseando-se na objetividade e na neutralidade para se chegar ao resultado considerado o mais verdadeiro possível. Os autores positivistas ansiavam por uma ciência imparcial, livre de juízos de valor e prenoções. Esse rigor tinha como objetivo tornar as ciências da sociedade universalmente válidas, alcançando a maturidade racional do homem. Como apontado por Moraes e Veiga da Silva,

Descartes inaugura o mito do sujeito que pensa desde o olho de Deus, e seria a partir de suas concepções de ciência e de verdade que a epistemologia dominante se constituiu e atuou na colonização do pensamento como uma “ego-política do conhecimento que coloca o homem europeu [branco, ocidental, heterossexual] onde antes colocaria Deus”. (Grosfoguel, 2010, p. 19). (MORAES; VEIGA DA SILVA, 2019, p. 3)

Ao presumir-se como os mais avançados e modernos da espécie, a branquitude europeia reprimiu tanto quanto pôde a produção de conhecimento dos colonizados. Assim como forçaram-lhes a aprender a cultura dos dominadores em tudo que fosse útil para a reprodução dessa dominação (QUIJANO, 2005, p. 121). Sendo assim, a posição universal do

pensamento europeu apaga alteridades e veicula tal conhecimento como evidência. Já os seres racializados são impedidos de assumir a posição de produção de conhecimento, uma vez que “a eles é dito que não possuem objetividade” (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 44).

No entanto, autores como Grada Kilomba se opõem à ideia de neutralidade e objetividade científica, visto que são esses seres dominantes que regulam o que seria a “verdadeira erudição”, tornando-a propriedade exclusiva e inquestionável da branquitude. “O que encontramos na academia não é uma verdade objetiva científica, mas sim o resultado de relações desiguais de poder de ‘raça’” (KILOMBA, 2019, p. 53). Como afirma Aníbal Quijano, não há “nada menos racional, finalmente, que a pretensão de que a específica cosmovisão de uma etnia particular seja imposta como a racionalidade universal, mesmo que tal etnia se chame Europa Ocidental” (QUIJANO, 1992, p. 10).

Portanto, a produção de conhecimento científico não pode ser considerada como um estudo apolítico da verdade.

Todos nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e realidade específicas – não há discursos neutros. Quando acadêmicas/os brancas/os afirmam ter um discurso neutro e objetivo, não estão reconhecendo o fato de que elas e eles também escrevem de um lugar específico que, naturalmente, não é neutro nem objetivo ou universal, mas dominante. É um lugar de poder. (KILOMBA, 2019, p. 58)

A epistemologia é baseada numa tradição e numa lógica de poder colonial, que não é isenta, tampouco universal, mesmo que se pretenda de tal maneira. Como já abordado, a branquitude atua como um sistema político e se apresenta como uma identidade central, que permanece não marcada. Logo, isso se reflete na epistemologia, visto que ela deixa de levar em consideração quem e de onde se escreve a teoria.

2.3 A criação de Histórias Únicas

Assim como no cientificismo, as histórias também são definidas através das relações de poder marcadas pela racialidade. À vista disso, o conceito de história única, abordado por Chimamanda Ngozi Adichie (2019), é central a nossa discussão. Na palestra intitulada “O perigo de uma história única”, posteriormente adaptada para livro, a autora nigeriana aborda como as narrativas contadas de apenas um ponto de vista não só reduzem o conhecimento sobre determinado fato, como criam estereótipos desumanizantes sobre aqueles que não possuem o poder para relatá-los.

A autora exemplifica o conceito com casos pessoais de histórias únicas. Durante a infância, todos os livros aos quais ela tinha acesso eram de origem europeia. Assim, a concepção de literatura que a pequena Chimamanda tinha era de que os personagens deveriam ser brancos de olhos azuis, comer maçãs e brincar na neve, assim como os dos livros britânicos que lia. Coisas que estavam longe da realidade vivida no dia a dia pela escritora na Nigéria. No entanto, ela acabava por espelhar tal narrativa nas histórias que escrevia quando menina. Sua percepção sobre a dimensão da literatura só mudou quando passou a ter acesso a livros escritos por autores africanos, como Chinua Achebe e Camara Laye. Foi então que a autora passou a se identificar com as personagens de suas leituras e começou a também escrever sobre as coisas que ela reconhecia.

Outro relato de história única é o de quando Chimamanda deixou seu país, aos 19 anos, para cursar a universidade nos Estados Unidos. Na ocasião, sua colega de quarto americana achou incrível que Adichie falasse “tão bem” inglês. No entanto, ficou chocada ao descobrir que esse era o idioma oficial da Nigéria. Também houve um estranhamento quando ela pediu que a autora tocasse o que chamou de “música tribal”. Ao que Chimamanda tocou uma fita de Mariah Carey, a colega ficou bastante decepcionada. Essa menina americana, que achava que a nigeriana não saberia ao menos usar o fogão de maneira correta, tinha pena dela antes mesmo de conhecê-la. A colega de quarto da autora tinha uma história única sobre o continente africano, uma história de exotismo, catástrofe e pobreza.

Naquela história única não havia possibilidade de africanos serem parecidos com ela de nenhuma maneira; não havia possibilidade de qualquer sentimento mais complexo que pena; não havia possibilidade de uma conexão entre dois seres humanos iguais. (ADICHIE, 2019, p. 18)

Ela enxergava Chimamanda como o *Outro*, diferente de si mesma. Assim como um professor da autora, que afirmou que o romance escrito por ela não era “autenticamente africano”, porque os personagens se pareciam bastante com ele próprio. Isto é, parecido com “um homem instruído de classe média: eles dirigiam carros, não estavam passando fome; portanto, não eram autenticamente africanos” (ADICHIE, 2019, p. 21).

Segundo a autora, a história única da África vem da literatura ocidental desde o período das grandes navegações. Um trecho do relato de John Lok, mercador de Londres que velejou para a África em 1561, representa tal origem. Ele escreveu que os negros eram como “animais que não tem casa” e que “também é um povo sem cabeça, com a boca e os olhos no peito” (ADICHIE, 2019, p. 19). Apesar de absurdos, esses escritos dão início a toda uma

tradição de contar histórias da África no Ocidente como um lugar negativo, de diferenças e da escuridão.

Desta forma, é impossível falar sobre a criação de histórias únicas sem falar sobre poder, como afirma Adichie. “Existe uma palavra em *igbo* na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: *nkali*. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer ‘ser maior do que outro’” (ADICHIE, 2019, p. 22). Portanto, assim como no mundo econômico e político, as histórias também seriam definidas pelo princípio de *nkali*. Isto é, “como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder” (ADICHIE, 2019, p. 22). Para Chimamanda, esse poder permite não só que a história de uma pessoa seja contada por outra, como também pode fazer com que essa seja sua história definitiva.

Comece a história com as flechas dos indígenas americanos, e não com a chegada dos britânicos, e a história será completamente diferente. Comece a história com o fracasso do Estado africano, e não com a criação colonial do Estado africano, e a história será completamente diferente. (ADICHIE, 2019, p. 22)

Michel Foucault aponta uma relação íntima entre o conhecimento e o poder em uma coletividade. Em suas obras, situou o saber no âmbito das relações de poder e das práticas políticas. Para o autor, o discurso é um produto do poder, sendo regulado, selecionado, organizado e redistribuído dentro da sociedade. Isto é, são orientados, possuem alvo e objetivos claros. Para tanto, existiriam mecanismos de exclusão, como a interdição, que determina o que pode ou não ser falado em determinados momentos e lugares. Ou ainda a separação, que define quais discursos podem circular e serem levados em consideração. Os discursos tidos como lógicos, racionais e organizados, de acordo com o padrão hegemônico, passam a ser ouvidos. Aqueles fora do padrão hegemônico são ignorados, descartados. Dessa forma, há sempre uma autoridade na produção do discurso, e existe, na sociedade, sujeitos com direito privilegiado da fala.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. [...] O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Sendo assim, o discurso para Foucault não é apenas o lugar de expressão de um saber, como é através dele que o poder se exerce. Um outro fator importante de regulação dos

discursos, segundo o autor, é a categoria que ele chama de condições de funcionamento do discurso. Esses mecanismos, de acordo com Foucault, impõem aos indivíduos pronunciadores dos discursos um certo número de regras a fim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. “Ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início qualificado a fazê-lo” (FOUCAULT, 1996, p. 37). Um desses procedimentos é o da sociedade do discurso. Elas seriam responsáveis por conservar, produzir e circular determinadas falas e narrativas quando e da maneira que desejassem. Essa sociedade acaba restringindo a produção de discursos dentro dela mesma. O discurso, portanto, passa a ter um lugar muito definido de onde pode circular e regras de como deve circular. De exemplo, Foucault cita os discursos científico, médico, político e econômico, que possuem um regime de exclusividade de fala e divulgação, muitas vezes, dentro de uma classe específica de poder.

Para Michel Foucault, o principal instrumento através do qual um indivíduo pode ter acesso a qualquer discurso é a educação. Os sujeitos aprendem desde crianças ideias e valores ditados pelas instituições valorizadas em sua sociedade. São esses discursos que ditam o papel que cada um deve desempenhar na coletividade. “Todo o sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que estes trazem consigo” (FOUCAULT, 1996, p. 44). Dessa forma, segundo Prado et al., a escola desempenha o papel de modelador, adestrador dos indivíduos, “forçando-os sutilmente se moldar ao que pensa a classe que domina” (2011, p. 5).

Não obstante, a mídia também se mostra como um outro importante dispositivo de disseminação dos discursos hegemônicos.

Os meios de comunicação não são meras formas de transporte de informações, mas dotados de textos que revelam significados culturais criados em determinados períodos históricos e que estão ligados a transformações comportamentais e mudanças intelectuais objetivas nos receptores. Assim, as mídias “controlam” a massa através de suas publicações e espetáculos. Utilizam-se, antes, de histórias únicas para formatar sua audiência e criar estereótipos. (ALVES; ALVES, 2011, p. 6)

Ao retomarmos o conceito de história única, que é apresentado por Chimamanda Adichie através de relatos pessoais, podemos traçar um paralelo entre duas das narrativas da autora. Elas também reforçam a ideia das relações de poder como definidoras das histórias únicas e o papel da mídia nessa construção. Chimamanda afirma que nunca teve uma história única dos Estados Unidos. Graças ao poder econômico e cultural do país, conheceu diferentes narrativas sobre ele. Dessa forma, ao ler um livro como o Psicopata Americano, de nenhuma maneira achou que aquele personagem representava todos os americanos. Diferentemente de

um jovem aluno de uma universidade dos EUA que disse a Adichie ser uma pena que todos os homens nigerianos fossem agressivos como o pai da protagonista de um de seus livros.

Em outra ocasião, no entanto, ao ter contato com um país sem o mesmo poder dos Estados Unidos, Chimamanda acreditou na história única que lhe foi contada. Na sua primeira viagem ao México, em um período no qual a mídia estadunidense debatia constantemente a questão da imigração clandestina, a escritora sentiu um estranhamento quando viu os cidadãos vivendo suas vidas no dia a dia, trabalhando, indo ao mercado, rindo. Ela estava tão absorta na cobertura da mídia que os mexicanos haviam se tornado uma coisa só em sua mente: imigrantes abjetos. “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (ADICHIE, 2019, p. 22).

Para Adichie, insistir apenas nas histórias negativas é simplificar a experiência de alguém e não olhar para as muitas outras histórias que formam uma pessoa. “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (2019, p. 26). Consequentemente, a história única rouba a dignidade das pessoas, torna difícil o reconhecimento de uma humanidade comum e enfatiza as diferenças.

Por fim, Chimamanda Adichie afirma: “as histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada” (ADICHIE, 2019, p. 32). Assim, acreditamos que um dos meios mais utilizados para difundir tais histórias seja o jornalístico, como veremos no capítulo a seguir.

3. NARRATIVAS DESUMANIZANTES NO JORNALISMO DA GRANDE MÍDIA

É inegável a importância do jornalismo enquanto disseminador de informações e fatos de interesse público. No entanto, como mostraremos a seguir, assim como na ciência e na literatura, o jornalismo também reproduz as relações de poder que moldam a sociedade brasileira. Pressupostos moderno-iluministas como a neutralidade e a objetividade, que são a raiz da ciência, também foram basilares da prática jornalística. Dessa forma, faz-se necessário questionar como essas duas dinâmicas (neutralidade/objetividade e relações de poder desiguais) atuam nas narrativas sobre povos subalternizados e classificados através do padrão racial que vêm sendo contadas no jornalismo da mídia hegemônica brasileira.

3.1 Práticas jornalísticas

Quando surgiram, por volta do século XVI, os textos publicados em jornais tinham grande influência da política e da literatura, especialmente na França. Possuíam um caráter crítico e eram produzidos por escritores, políticos e intelectuais das classes altas da sociedade. Segundo Traquina, foi a partir da metade do século XIX que o campo jornalístico começou a ganhar forma “com o desenvolvimento do capitalismo e, concomitantemente, de outros processos que incluem a industrialização, a urbanização, a educação em massa, o progresso tecnológico e a emergência da imprensa como ‘*mass media*’” (TRAQUINA, 2005, p. 20). É nesse momento que as normas e os valores da práxis jornalística passaram a ser centradas nos fatos, seguindo a ordem de uma tradição anglo-americana. Logo, esse é o início da profissionalização do jornalista e de uma imprensa de massa como conhecemos hoje, que produz reportagens, manchetes e tem seu capital na venda de publicidades.

Foi nos Estados Unidos, e em menor grau na Inglaterra, que foram inventadas as práticas e as estratégias que caracterizam o jornalismo. É também nestes países que a imprensa industrializada depressa se tornou um campo autônomo de produção discursiva. Outros países, como a França, importaram e adaptaram progressivamente os métodos do jornalismo anglo-americano. (CHALABY, 2003, p. 30)

A imprensa britânica e norte-americana ditou o modelo que chamamos de *hard news*, no qual as notícias devem ser “as mais quentes possíveis!”, isto é, divulgadas com agilidade a fim de informar ao leitor aquilo que acabou de acontecer. Além disso, as informações devem ser publicadas em abundância, de modo a contemplar o maior número de temas relevantes à sociedade. Para que esse modelo de jornalismo factual funcionasse, algumas regras para a

formulação de notícias e outros textos jornalísticos foram criadas, como a existência do lide e o modelo da pirâmide invertida. Assim, as informações passariam a ser transmitidas de maneira mais completa, objetiva e neutra, segundo os padrões anglo-americanos. “O jornalismo começa a ser entendido como um observador neutro, que relata os acontecimentos como eles são, com equilíbrio e honestidade, furtando-se de emitir opiniões” (ROCHA, 2021, p. 70).

Como já abordado no presente trabalho, o cientificismo é marcado por um método que se pretende universal e baseia-se na objetividade e neutralidade a fim de encontrar o resultado “mais verdadeiro possível”. A exemplo dele, o jornalismo também cria suas regras para tentar alcançar a verdade simples dos fatos. Ao longo do século XX, “a assimilação do modelo norte-americano, fortemente embasado no direito à informação, fez predominar um jornalismo mais ágil, compacto, que privilegia mais a explicação que a compreensão” (IJUIM, 2020, p. 100). Assim, os conceitos de neutralidade e objetividade se apresentaram como norteadores da prática jornalística, uma espécie de metodologia para inibir a atuação da subjetividade no relato dos acontecimentos e priorizar a comunicação dos fatos. Tal técnica promoveria o jornalismo a uma forma de conhecimento com alto teor de verdade que produz narrativas do real ao “apenas relatar os fatos”. Lógica que tem como inspiração o pensamento positivista, principalmente o comtiano.

Muitas são as marcas epistemológicas herdadas do cientificismo pelo jornalismo, como aponta Cremilda Medina; entre elas, a noção de real, a aposta na objetividade da informação, a afirmação de dados concretos de um determinado fenômeno e a precisão da linguagem. Como afirma a autora, “os princípios positivistas dão garantia aos operadores da informação jornalística de que, como diria Comte, elimina-se a vã erudição e se constrói um relato da ordem natural das coisas” (MEDINA, 2008, p. 25).

Contudo, autores da teoria do jornalismo têm, há décadas, questionado o entendimento da objetividade como uma maneira de reproduzir a realidade integral.

Segundo Traquina, os jornalistas não são meros observadores passivos, mas são agentes ativos do próprio processo de construção da realidade. Para ele “as notícias não podem ser vistas como emergindo naturalmente dos acontecimentos do mundo real; as notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e de textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia também cria o acontecimento” (TRAQUINA, 1993, p. 168 apud ROCHA, 2021, p. 70)

Para autores como Liriam Sponholz (2008), a proposta é de que a objetividade seria um método de se aproximar da realidade e amenizar a influência da subjetividade de quem

escreve no relato dos acontecimentos, já que “a separação absoluta entre subjetividade e objetividade é não só impossível, como também indesejável. Ambas não podem ser tratadas como antônimos” (p. 115). Todavia, é preciso levar em consideração que o jornalismo não está apartado das relações que moldam a sociedade. Ele funciona dentro das estruturas e lógicas de pensamento predominantes e, por conseguinte, reproduz as complexas tramas do corpo social.

Em suma, podemos afirmar que a prática da grande mídia nos moldes que conhecemos hoje foi inventada por normas anglo-americanas que surgiram de um ideal cientificista nascido do pensamento europeu. A ciência, por sua vez, como uma forma de produção de conhecimento que se propõe universal, invalida toda intelectualidade que está fora do que foi determinado pela matriz colonial de poder.

Portanto, como ressaltam Moraes e Veiga da Silva:

Ainda situado numa racionalidade que simplifica muito mais do que complexifica as formas como a realidade é concebida, o conhecimento produzido pelo jornalismo pode ser pensado em analogia aos modos de produção do conhecimento científico. (2019, p. 5)

Desta forma, o lugar da narração dos fatos no jornalismo se apresenta como uma posição de poder que pode reproduzir lógicas de dominação, principalmente na mídia hegemônica.

As construções simbólicas operadas na racionalidade dominante dos modos de objetivação jornalística historicamente participam dos processos de transformação de diferenças em desigualdades, contribuindo para a manutenção da opacificação de ideologias como o machismo e o racismo. (MORAES; VEIGA DA SILVA, 2019, p. 2)

Logo, o discurso jornalístico inserido na conjuntura colonial de pensamento reproduz não só padrões de raça, como de gênero e de classe. Um exemplo da possível manutenção desse poder pelo jornalismo está nos chamados critérios de noticiabilidade ou valores-notícia. Eles são um “conjunto de categorias utilizadas pela comunidade jornalística para selecionar e construir, entre os diversos fatos do cotidiano, aqueles que serão alçados à qualidade de notícias” (BARBOSA, 2022, p. 4). Segundo Pena (2012, p. 72), entre esses parâmetros estão: a importância dos envolvidos no fato; a quantidade de pessoas envolvidas; o interesse nacional e humano; feitos excepcionais; atualidade e novidade; acessibilidade à fonte/local e serviço/interesse público. Além de critérios intrínsecos ao veículo, como equilíbrio, política editorial e exclusividade ou furo. Na teoria, essas normas estabelecem da forma mais objetiva

possível quais acontecimentos devem ou não ser noticiados. Entretanto, é possível dizer que aquilo que é considerado como interesse humano, depende muito da subjetividade de quem pauta determinada notícia.

Visto que a colonialidade mantém uma hierarquia baseada, entre outros parâmetros, na raça, a noticiabilidade também acaba determinada através dessa lógica de poder. “Os valores-notícia também são permeados de valores sociais hegemônicos, acionados inconscientemente nos processos de leitura da realidade como parte da bagagem cultural de conhecimento dos jornalistas e da intrínseca relação cultural da qual são parte” (MORAES; VEIGA DA SILVA, 2019, p. 17). E, como afirma, Barbosa:

Se o continente latino-americano está profundamente marcado pela lógica colonial (racista, machista e opressora), tanto nas relações cotidianas como na transmissão do conhecimento, o jornalismo como atividade desta sociedade, também vai carregar os traços da colonialidade. (2022, p. 5)

Para exemplificar a crítica ao pressuposto da objetividade dos critérios de noticiabilidade, Moraes e Veiga da Silva (2019) apresentam o trabalho do artista chileno Alfredo Jaar. Ele catalogou as capas da revista semanal norte-americana *Newsweek* do ano de 1994 durante 17 semanas. Este foi o ano em que ocorreu o genocídio em Ruanda, país da África Oriental. Em cerca de três meses, mais de um milhão de pessoas foram mortas em um conflito entre os grupos étnicos tutsi e hutu. No entanto, a maior parte das capas catalogadas por Jaar traziam celebridades, reportagens sobre drogas, tecnologias e mercado financeiro. Foi só depois de quase um milhão de mortos que a *Newsweek* noticiou o conflito, que havia iniciado há 37 semanas.

Se os critérios de objetividade jornalística e os valores-notícia pressupõem que a quantidade de pessoas envolvidas em um fato, o interesse humano, a atualidade e novidade e feitos excepcionais validam a necessidade de noticiar um acontecimento, por que um dos episódios mais violentos da história contemporânea não teve o destaque devido? E por que a *Newsweek* demorou 37 semanas para divulgá-lo? Para Moraes e Veiga da Silva,

[...] a hierarquia de lugares e pessoas, critério noticioso objetivo, venceu a magnitude e o número de envolvidos porque quem morre – e onde morre – são questões mais valorizadas pelo jornalismo e sua objetividade excludente. (2019, p. 9)

Portanto, é possível afirmar que o jornalismo não consegue ser neutro ou objetivo aos moldes positivistas. Isso porque as escolhas feitas por jornalistas nas redações carregam tanto a subjetividade dos indivíduos quanto os desejos institucionais. Uma vez que os meios de

comunicação pertencem às classes dominantes, a indústria jornalística tem como tarefa manter o poder dessa camada social. “O jornalismo massivo foi permeado por interesses econômicos, ou seja, a isenção nunca foi uma característica dessa área do conhecimento” (MORAES, 2020, p. 72). Isto posto, o tempo e o lugar específicos de onde se fala, como já apontado no capítulo anterior, impossibilitam a existência de discursos neutros. “Nada é descorporificado e universal, nem a ciência, nem a filosofia, nem o jornalismo” (MORAES, 2020, p. 73).

Desta forma, o lugar de poder da mídia hegemônica garante que os valores predominantes na sociedade, marcada pela colonialidade, sejam reproduzidos e chancelados por um discurso que carrega em si a credibilidade, já que “diferente do romance, do conto e de outros gêneros ficcionais, o jornalismo precisa estabelecer suas narrativas referenciadas no real histórico” (ROCHA, 2021, p. 71).

3.2 A criação de estereótipos

Para abordar o papel do jornalismo na construção do imaginário social, é imprescindível examinar quais indivíduos compõem a classe jornalística. Isso porque o jornalismo hegemônico no Brasil ainda é feito majoritariamente por pessoas brancas.

Segundo dados do levantamento Perfil Racial da Imprensa Brasileira⁵, divulgado em novembro de 2021, 77,6% dos profissionais nas redações se autodeclaram brancos, enquanto 20,1% se declaram negros, 2,1% amarelos e apenas 0,2% indígenas. Esses números, no entanto, não refletem a proporcionalidade da população do país, majoritariamente negra. De acordo com o último censo do IBGE, 50,7% dos brasileiros são negros (IBGE, 2010, p. 76). Em projeções atualizadas da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE), pretos e pardos somados já atingiam a marca de 56,1% da população total do Brasil (IBGE, 2022, p. 1). A pesquisa Perfil Racial da Imprensa concluiu, portanto, que as redações de jornalismo são mais brancas que a população brasileira.

Em uma análise ainda mais aprofundada, os dados do levantamento indicam que apenas 38,6% dos jornalistas negros entrevistados estão em cargos gerenciais nas redações. Isto é, são diretores de redação, editores-chefe ou editores-executivos, chefes de reportagem ou colunistas, por exemplo. A maior parte das pessoas racializadas está em cargos operacionais como repórteres e redatores. Se as redações, e mais ainda, os cargos de decisão

⁵ Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2021/11/pesquisa-perfil-racial-da-imprensa-17-nov-2021.pdf>. Acesso em: 23 out. 2022.

nos veículos de imprensa são predominantemente ocupados por pessoas brancas, não é surpresa que as narrativas jornalísticas também sejam, em sua maioria, contadas através do ponto de vista da branquitude. Por isso, faz-se urgente olhar para a criação das histórias no jornalismo com um recorte racial.

Como abordado no segundo capítulo deste trabalho, Chimamanda Adichie (2019) defende que as narrativas relatadas de apenas um ponto de vista não só limitam o conhecimento sobre determinado fato como, quando repetidas à exaustão, criam estereótipos que desumanizam aqueles fora das posições de poder. Isso permite que histórias simplificadas se tornem a história definitiva de um indivíduo ou um povo.

No jornalismo, essas histórias únicas são criadas quando se retrata o *Outro* de maneira simplória, sem levar em conta a trama complexa de realidades que compõem a subjetividade daqueles indivíduos. Isto é, as posições raciais, geográficas, de classe, gênero, sexualidade e suas inscrições na estrutura social brasileira. Moraes, enquanto agente e observadora da práxis jornalística ao mesmo tempo, afirma que:

Cotidianamente, produzimos notícias sobre uma realidade com a qual tínhamos efetivamente pouco contato, levando falas “do povo” até as páginas de maneira industrial, rápida (muitos e muitas repórteres com três, quatro, matérias em um único dia), produzindo a errônea ideia de uma “inclusão”, de democracia. [...] Tecnicamente, nossa função era apenas reportar “o outro” de maneira neutra, batermos o ponto e irmos para nossas casas cobertos pelo manto da imparcialidade. (MORAES, 2020, p. 66)

Ao retratar personagens com vivências diferentes da sua, sem o cuidado de orientar a pauta e seu enquadramento segundo as posições sociais que aquele indivíduo ocupa, muitos jornalistas acabam reproduzindo estereótipos desumanizantes.

Stuart Hall definiu estereotipagem como uma prática de produção de significados que “reduz as pessoas a poucas características simples e essenciais, que são representadas como fixas por natureza” (HALL, 2016, p. 190). Para o autor, o estereótipo é uma categoria importante para a representação da diferença racial. Isso porque eles se apossam de poucas características “simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas sobre uma pessoa” (HALL, 2016, p. 191). Assim, tudo sobre ela é reduzido a esses traços que, segundo Hall, são depois exagerados e simplificados. Por essa razão, em um primeiro momento, a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a diferença entre os seres.

Em um segundo instante, ela cria uma divisão entre o que seria considerado normal e anormal, aceitável e inaceitável. Para explicar o funcionamento da exclusão através do

estereótipo, o autor o diferencia da categoria dos tipos. Segundo Hall, os tipos são a caracterização simples através da qual decodificamos um objeto e atribuímos sentido a ele. Como por exemplo, os papéis de pai, mãe e filho ou trabalhador, chefe e aposentado. “Tipos são instâncias que indicam aqueles que vivem segundo as regras da sociedade (tipos sociais) e aqueles que as regras são delineadas para excluir (estereótipos)” (HALL, 2016 p. 191). Por isso, as características dos estereótipos são ainda mais rígidas que as dos tipos sociais, já que os limites precisam ser claros, fixos e inalteráveis para que se exclua tudo que não lhe pertence.

A estereotipagem, em outras palavras, é parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o “normal” e o “pervertido”, o “normal” e o “patológico”, o “aceitável” e o “inaceitável”, o “pertencente” e o que não pertence ou é o “Outro”, entre as “pessoas de dentro” (*insiders*) e “forasteiros” (*outsiders*), entre nós e eles. (HALL, 2016, p. 192).

São os estereótipos que facilitam a construção de um grupo dos considerados “normais” e “padrões”. E, então, o grupo hegemônico exclui simbolicamente os “Outros”. Os sentimentos negativos se agrupam ao redor dessas características para que, ao exterminar aqueles considerados perigosos, contaminados, a “pureza” seja restaurada.

Para Hall, o terceiro ponto importante sobre a prática da estereotipagem é que ela tende a acontecer onde há enormes desigualdades de poder. E é geralmente destinada a um grupo subordinado e excluído. Assim, um de seus aspectos seria o etnocentrismo, isto é, a aplicação das normas da própria cultura sobre outros. “Em suma, a estereotipagem é aquilo que Foucault chamou de uma espécie de ‘poder/conhecimento’ do jogo. Por meio dela, classificamos as pessoas segundo uma norma e definimos os excluídos como o ‘Outro’” (HALL, 2016, p. 192).

Para Stuart Hall, a estereotipagem estabelece uma conexão entre representação, diferença e poder. Sendo o poder, nesse caso, em termos simbólicos e culturais. Nesse sentido, o estereótipo é um elemento-chave no exercício dessa violência simbólica, já que dentro do que o autor chama de regime de representação, um grupo tem o poder de marcar, atribuir, classificar e excluir determinados seres. Por isso, os estereótipos também são responsáveis por marcar a diferença racial.

Desta forma, levando em consideração o conceito descrito por Hall, e analisando a práxis jornalística, podemos observar de que maneira os estereótipos são construídos. Como afirma Moraes:

No jornalismo, aprende-se que o que deve ser levado ao conhecimento do público é o espetacular, o extraordinário. A questão é que esse é um olhar muitas vezes exotificante, aquele que busca enquadrar o outro sempre pelo que ele apresenta como “diferente”. Essa assimetria proporciona aquilo que Hall (2016) chamou de “espetáculo do outro”, termo feliz para pensar na vasta construção e difusão de estereótipos pelo equipamento midiático. (2019, p. 210)

Portanto, quando o discurso jornalístico enquadra sua narrativa apenas na diferença, ele cria histórias únicas sobre os indivíduos racializados. E, na maioria das vezes, essas notícias pautam situações de sofrimento e morte de pessoas negras.

Esse, claro, é um assunto que merece todo o destaque na imprensa e que com frequência ocupa as capas dos jornais, páginas de notícia e minutos do noticiário da TV. Isso porque, de acordo com o estudo “Violência Armada e Racismo: o papel da arma de fogo na desigualdade racial”, a população negra é a que mais sofre violência armada no Brasil. 78% das vítimas fatais por agressão com arma de fogo são negras. Quando fazemos o recorte de gênero e raça, homens negros são 75% desses mortos, contra 19% de homens não negros, 4% de mulheres negras e 2% de mulheres não negras (INSTITUTO SOU DA PAZ, 2021, p. 7).

Observar a faixa etária dessas mortes também se faz necessário. Adolescentes e jovens negros de 15 a 29 anos somam 61% dos óbitos por violência armada entre a população negra (INSTITUTO SOU DA PAZ, 2021, p. 8). Mesmo na infância, os números são alarmantes. Segundo o levantamento, quando analisados os dados de assassinatos de crianças negras de até 14 anos, 61% das mortes são causadas por arma de fogo, enquanto que entre não negros da mesma faixa etária, são 31% (INSTITUTO SOU DA PAZ, 2021, p. 9). Apresentando a situação em dados mais práticos, um jovem negro é assassinado no país a cada 23 minutos, segundo a Organização das Nações Unidas⁶.

Essas informações brutais podem ser explicadas através do que Achille Mbembe chamou de necropolítica. Segundo o autor, ela representa o uso do poder político e social, em especial pelo Estado, para determinar por meio de ações e omissões quem pode permanecer vivo e quem deve morrer. Isto é, a soberania para “definir quem importa e quem não importa, quem é ‘descartável’ e quem não é” (MBEMBE, 2018, p. 41). E as vidas mais vulneráveis a essa atuação são aquelas marcadas por raça, classe e gênero. O termo é uma atualização das noções de biopoder e biopolítica de Michel Foucault (2012).

De forma mais detalhada, o biopoder trata de um poder centrado:

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WIMOU1J-m0Y>. Acesso em 25 out. 2022.

[...] no corpo como máquina: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos – tudo isso assegurado por procedimentos de poder que caracterizam as disciplinas: anátomo política do corpo humano. (FOUCAULT, 2012, p. 132)

Já a biopolítica é interligada ao biopoder e, segundo o autor, se formou um pouco mais tarde:

[...] por volta da metade do século XVIII, centrou-se no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos, a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade; tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e controles reguladores. (FOUCAULT, 2012, p. 133)

No entanto, essas noções desenvolvidas por Foucault são entendidas por Achille Mbembe como não mais abrangentes das relações de inimizade e perseguição contemporâneas.

O filósofo entende que o conceito de biopolítica não é mais suficiente para compreender as ações do Estado, posto que esse, agora, ancora sua atuação no racismo e na prática da guerra. De forma detalhada, a guerra, como ponto central nessa prática, tem sua base na história das colônias, em que a crueldade e o assassinato do Outro (sendo esse Outro o sujeito não branco, da colônia), foram fundamentais para a manutenção do poder nas mãos dos colonizadores. Assim, esse sujeito das colônias passa a não ser um humano, e sim um objeto, passível de ter um dono e que os outros podem decidir seu destino ou descartá-lo. (GUIMARÃES-SILVA; PILAR, 2021, p. 185)

Sueli Carneiro (2005), ao pensar na realidade brasileira, aponta que o sujeito não branco passa a ser considerado um perigo à sociedade, uma ameaça que precisa ser eliminada. Para isso, são criados dispositivos de racialidade que colocam as populações subalternas sob o signo da morte. Esses dispositivos são formados por uma rede de elementos como discursos, instituições, leis, entre outros, que gerenciam e controlam corpos, modos de ser e populações. E que são responsáveis por fazer morrer, deixar morrer e incentivar a morte.

Renato Nogueira (2020) vai além ao perceber que, para as crianças negras, existe algo que ele denomina necroinfância. Para o autor, esse é um dispositivo da necropolítica que tem como objeto a infância e, especificamente, as crianças negras. Ela pode ser definida como “o conjunto de práticas, técnicas e dispositivos que não permitem que as crianças negras gozem a infância” (NOGUERA, 2020), algo que é garantido pela Convenção sobre os Direitos da

Criança⁷, adotada pela Assembleia Geral da ONU e que está em vigor desde 1990. De acordo com Nogueira é através do racismo que a infância é negada a esses corpos. E as crianças negras passam a ser “‘menores’ ou qualquer outra classificação coisificante” (NOGUEIRA, 2020).

Isto posto, compreendemos que a violência e, principalmente, o genocídio contra a população negra no Brasil deve ser debatido pelo jornalismo, em especial pela mídia hegemônica, que detém maiores números de audiência e mais recursos para apurar fatos. No entanto, é essencial que a história das crianças, jovens, homens e mulheres negras não seja resumida à brutalidade de suas mortes. Isso porque tratar esses indivíduos apenas como corpos mortos, ou repetir narrativas constantes impede que uma humanidade comum seja identificada pelos consumidores da notícia. Já que, a identidade desses sujeitos fica forjada a ser sempre o *Outro*, diferente do Eu humano. Apesar disso, podemos indicar inúmeras coberturas jornalísticas em que estereótipos são reproduzidos ao abordar cruéis assassinatos nesse grupo social.

Uma característica constantemente abordada ao noticiar a morte de um sujeito negro, pobre e que muitas vezes é também morador de favela, a fim de reforçar sua inocência na situação, é a do trabalhador/estudante. As narrativas jornalísticas constroem a imagem do personagem como alguém que era um estudante esforçado ou um trabalhador dedicado e, por isso, não deveria ter morrido. Muitas das vezes esses sujeitos são resumidos à figura de alguém que poderia ter chegado lá, mas que teve seu sonho interrompido pela violência.

Esse é o caso, por exemplo, dos cinco jovens executados com 111 tiros de fuzil e pistola por policiais militares no Rio de Janeiro, em novembro de 2015. Roberto, Carlos Eduardo, Cleiton, Wesley e Wilton tinham entre 16 e 20 anos e voltavam de carro do Parque de Madureira, no subúrbio do Rio, quando foram metralhados pela polícia na comunidade de Costa Barros. Em 2019, dois policiais foram condenados a 52 anos de prisão. Ao noticiar o acontecido na ocasião da chacina, o portal G1 trouxe as aspas do pai de um dos meninos assassinados:

Pai de uma das vítimas, Carlos Henrique diz que o filho Carlos Eduardo tinha acabado de concluir um curso de Petróleo e Gás e se preparava para tentar concurso para a Marinha. “Eles chegaram a levantar os braços para fora e gritaram que eram moradores, mas não teve jeito”, lamentou o taxista Carlos Henrique do Carmo Souza, 34 anos. [...] “Era um menino extremamente carinhoso e estudioso. Recebi essa notícia agora de manhã

⁷ Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em: 10 nov. 2022.

quando estava saindo para trabalhar”, disse Carlos, que não mora na comunidade pois é separado da mãe de Carlos Eduardo.⁸

Outro episódio é o de Cauã Silva dos Santos, jovem negro de 17 anos, assassinado com um tiro no peito por um policial militar em uma comunidade de Cordovil, também no subúrbio do Rio de Janeiro. O adolescente, que era lutador de jiu-jitsu e luta livre, deixava o evento infantil de um projeto social voltado para a promoção de esportes quando foi baleado. Depois, seu corpo foi jogado em um canal que corta a comunidade. Ao abordar o caso, o jornal Extra destacou, segundo informações da família:

Eles contam que o jovem era lutador de jiu-jítsu e luta livre há três anos, integrava um projeto social na região e não tinha envolvimento com o tráfico de drogas. [...] A família do rapaz contou que, no momento em que ele foi alvejado, não havia operação nem troca de tiros. Segundo parentes, Cauã também trabalhava em um ferro-velho e tinha o sonho de se alistar nas Forças Armadas.⁹

Mais uma vez, como afirma Chimamanda Adichie (2019), a questão dos estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que são incompletos. Por serem características simples, facilmente compreendidas e memoráveis, elas se fixam como a única história daquele indivíduo. Tanto Cauã quanto Carlos Henrique eram jovens trabalhadores e bons alunos. Mas esses atributos sozinhos não formavam suas subjetividades. No entanto, foram usados, como em tantas outras coberturas, para defender a injustiça e crueldade de suas mortes, sem questionar, por exemplo, a violência sistêmica da polícia que os matou.

Em suma, há um racismo epistêmico que fundamenta boa parte de nossa imprensa e seus modos de ver e fazer. Esse racismo, hoje encarado por alguns veículos como um problema também interno do jornalismo, está acompanhado por uma construção de uma outridade baseada em uma diferença estabelecida por quem gerencia esses modos de ver e fazer. (MORAES, 2020, p. 69)

Pelos motivos apresentados até aqui no presente trabalho, reiteramos a importância de compreender como e com qual finalidade ocorre a produção de histórias únicas sobre sujeitos negros no jornalismo hegemônico. A fim de dar fôlego a essa indagação, no próximo capítulo apresentaremos a cobertura jornalística do que ficou conhecido como “o caso dos meninos de

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/11/cinco-jovens-sao-mortos-no-rio-e-parentes-das-vitimas-culpam-pm.html>. Acesso em: 25 out. 2022.

⁹ Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/adolescente-negro-baleado-morto-no-rio-familia-amigos-acusam-pm-protestam-25462873.html>. Acesso em: 25 out. 2022.

Belford Roxo”, isto é, o episódio de desaparecimento de três crianças negras em dezembro de 2020, posteriormente configurado como homicídio.

4. ALEXANDRE, FERNANDO HENRIQUE E LUCAS MATHEUS: O CASO DOS MENINOS DE BELFORD ROXO

Três meninos negros e pobres, Alexandre da Silva, de 10 anos, Fernando Henrique Soares, de 11, e Lucas Matheus da Silva, de 8, desapareceram no dia 27 de dezembro de 2020, em Belford Roxo, cidade da Baixada Fluminense, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Cerca de um ano depois, a Polícia Civil descobriu que as crianças foram mortas após uma sessão de tortura feita por traficantes da comunidade do Castelar, onde moravam. Durante os meses de investigações, a grande mídia brasileira noticiou os desdobramentos do caso, com foco principalmente nas operações da polícia contra o tráfico de drogas que atuava na região. Nossa hipótese é de que as narrativas contadas pelos principais jornais do país contribuíram para a construção de uma história única do caso.

4.1 O caso

Figura 1: Lucas, Fernando e Alexandre, respectivamente.



Fonte: Reprodução/Folha de S.Paulo¹⁰.

De acordo com matérias jornalísticas sobre o caso¹¹, Alexandre e Lucas Matheus, de 10 e 8 anos, eram primos. Os dois também eram amigos de Fernando Henrique, de 11. Acostumados a saírem sozinhos para brincar, as crianças partiram naquele domingo de 27 de

¹⁰ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/04/apos-tres-meses-investigacao-sobre-sumico-de-meninos-em-belford-roxo-rj-patina.shtml>. Acesso em: 25 nov. 2022.

¹¹ Portais G1, Ponte Jornalismo, Alma Preta Jornalismo, O Globo e Folha de S.Paulo.

dezembro de 2020, por volta das 11h30, para jogar bola em um campo de futebol que ficava ao lado do condomínio onde moravam, no bairro Castelar. De praxe, eles retornavam na hora do almoço. Mas naquele dia, por volta das 14h, a família começou a dar falta dos meninos. Desde então, os três foram tidos como desaparecidos.

As famílias registraram a ocorrência do desaparecimento, mas desde o início se queixaram do tratamento da polícia e da demora na investigação que, segundo eles, começou tarde. Da polícia ouviram que o registro de sumiço só poderia ser feito após 24h da ausência dos meninos. No entanto, o Estatuto da Criança e do Adolescente prevê que as buscas sejam feitas imediatamente nesse caso. Mesmo assim, a família afirmou que as primeiras testemunhas só foram ouvidas uma semana depois. E a polícia levou 100 dias para estruturar uma força-tarefa para investigar o ocorrido.

No primeiro mês do desaparecimento, as famílias realizaram protestos, como o do dia 03 de janeiro de 2021, na porta da Delegacia de Homicídios da Baixada Fluminense; data que marcava uma semana sem respostas. Foi a partir desse protesto que o caso começou a ganhar repercussão na mídia tradicional. Os familiares também fizeram buscas por conta própria, mas sem sucesso. Durante os quase doze meses de investigação, as famílias, ainda sem respostas concretas da polícia, recebiam muitos trotes e chantagens de pessoas que diziam ter “pistas” do caso, todas falsas.

Figura 2: Imagens de câmera de segurança.



Fonte: Reprodução/TV Globo¹².

Quatro meses depois do desaparecimento, em março de 2021, foram divulgadas as

¹² Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/cameras-de-seguranca-flagraram-criancas-de-belford-roxo-em-rua-proxima-de-casa-no-dia-em-que-desapareceram-24919085>. Acesso em: 22 nov. 2022.

primeiras imagens de câmeras de segurança, que mostravam os meninos caminhando pela Rua Malópiã, no Castelar. Esse era um dos caminhos que levava à Areia Branca, bairro vizinho onde as crianças foram vistas pela última vez. O horário da filmagem marcava 13h39. Segundo o Portal G1¹³, o trecho do vídeo foi encontrado pelo Ministério Público, em um material que já havia sido apreendido pela Delegacia de Homicídios da Baixada Fluminense, responsável pelo caso. Isso levantou a hipótese de falha na apuração da Polícia Civil.

A principal linha de investigação foi a de que os meninos teriam sido pegos pelo tráfico da região. Durante meses, operações foram feitas na comunidade do Castelar e dezenas de pessoas, não relacionadas ao caso, foram presas. No fim de julho, a polícia recebeu a informação de que os restos mortais das crianças teriam sido jogados no Rio Botas, na Baixada Fluminense. Peritos analisaram os materiais encontrados e atestaram que a ossada coletada não era humana.

Já em agosto de 2021, o caso foi denunciado ao Comitê contra o Desaparecimento Forçado da Organização das Nações Unidas (ONU), pelo Movimento Nacional de Direitos Humanos (MNDH). No relatório enviado, o grupo mencionou que a demora na investigação constitui “clara violação aos direitos humanos” e cobrou a manifestação do Estado brasileiro. Durante meses, a demora na resolução do caso foi comparada com as investigações do assassinato de Henry Borel, pelas famílias das vítimas, por coletivos negros nas redes sociais e por mídias de jornalismo alternativo. O caso do menino de 4 anos que morreu em março de 2021, na Barra da Tijuca, bairro nobre do Rio de Janeiro, teve repercussão em larga escala na mídia brasileira. As investigações também aconteciam rápido e a primeira audiência foi realizada sete meses depois do homicídio.

No caso dos meninos de Belford Roxo, a confirmação das mortes só ocorreu nove meses depois do desaparecimento, em setembro de 2021. A Polícia Civil divulgou que as crianças haviam sido assassinadas por traficantes do Castelar. E afirmou ainda que o motivo dos homicídios teria sido o roubo de um passarinho. A família, no entanto, questionou a hipótese da polícia.

Por fim, o desfecho do inquérito aconteceu em 09 de dezembro de 2021, praticamente um ano após o desaparecimento de Alexandre, Fernando Henrique e Lucas Matheus. Segundo as investigações, as crianças foram mortas após uma sessão de tortura realizada pelos traficantes. O crime teria acontecido em retaliação ao suposto furto de uma gaiola de passarinho do tio de um dos bandidos. Segundo o delegado titular da Delegacia de

¹³ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/09/11/meninos-de-belford-roxo-a-cronologia-do-caso-das-criancas-sumidas-ha-quase-9-meses.ghtml>. Acesso em: 13 nov. 2022.

Homicídios da Baixada Fluminense, Uriel Alcântara, as crianças foram capturadas, espancadas e torturadas até um deles falecer. Foi então que os traficantes decidiram assassinar os outros dois meninos. As investigações, no entanto, não conseguiram averiguar qual deles teria morrido primeiro.

Depois do homicídio, os traficantes exigiram que um homem, que estava em um bar, transportasse os corpos de carro. Carregados em sacos pretos no porta-malas, foram por fim jogados em um rio da região. Os restos mortais de Alexandre, Fernando e Lucas nunca foram encontrados para que as famílias pudessem dar a eles uma despedida digna.

Entre os cinco indiciados por envolvimento no assassinato das crianças, três foram mortos entre agosto e outubro de 2021; e o quarto envolvido foi preso pela polícia. Até o momento da execução do presente trabalho, um último indiciado seguia foragido e nenhuma audiência do caso tinha sido realizada na justiça.

4.2 Repercussão na mídia

O desaparecimento e morte de Alexandre, Fernando e Lucas não teve a repercussão midiática que um caso de tamanha gravidade deveria ter. O jornalismo da grande mídia pouco tratou do acontecimento, quando em comparação a outros casos de desaparecimento ou homicídio de crianças no Brasil e no mundo. A pressão para noticiar o ocorrido veio de portais de jornalismo alternativo e das famílias das vítimas, que realizaram diversos protestos até que o caso ganhasse reconhecimento público.

Nesse sentido, a mídia alternativa, coletivos negros nas redes sociais e os familiares das crianças compararam a demora no andamento das investigações com o caso de Henry Borel. Em abril de 2021, Tatiana Ribeiro, mãe de Fernando, desabafou:

Eles demoraram e ainda está demorando, porque o caso do Henry em menos de um mês teve resultado. Me sinto humilhada porque não tenho dinheiro, meu filho não é branco. Tenho certeza que se eu morasse em Copacabana, Leblon, essas crianças estariam aqui.¹⁴

Henry foi morto aos 4 anos, na Barra da Tijuca, bairro nobre do Rio, cerca de 2 meses depois do ocorrido aos meninos de Belford Roxo. O caso ganhou grande repercussão ao envolver o então vereador do Rio de Janeiro Dr. Jairinho, padrasto de Henry, e a mãe do menino Monique Medeiros, hoje réus na justiça. No episódio, a polícia anunciou uma

¹⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/04/apos-tres-meses-investigacao-sobre-sumico-de-meninos-em-belford-roxo-rj-patina.shtml>. Acesso em: 18 nov. 2022.

força-tarefa 26 dias depois da execução, que reuniu diferentes departamentos da polícia, além do Ministério Público e da Justiça. No caso do desaparecimento na Baixada Fluminense, a força-tarefa foi anunciada 100 dias depois do fato.

Como apontou o portal Carta Capital, as notícias sobre o caso Henry estiveram em jornais de diferentes plataformas e com grande destaque durante as investigações do caso:

Quando eu entrava no site do Globo ou da Folha/UOL, lá estava a notícia destacada logo na “primeira página” dos portais. Mesmo indo atrás das principais notícias do dia, era impossível não passar o olho por uma das manchetes e absorver a “novidade” envolvendo o “Caso Henry”. [...] No mercadinho da esquina, defronte ao bar de Carlinhos, enquanto eu aguardava na fila do caixa, a televisão ligada na Band trazia um apresentador eufórico que transformava a história real em uma ficção macabra. No café da manhã, dava pra ouvir a vizinha de cima, dona Yara, comentar o caso que era reportado pelo programa de TV – supostamente Record, já que, pelo que consigo escutar, Dona Yara só se informa pela Record e por vídeos que recebe pelo celular.¹⁵

Figura 3: Matéria especial do jornal O Globo, detalhando o caso Henry Borel.



Fonte: Reprodução/O Globo¹⁶.

O jornal O Globo, por exemplo, publicou uma matéria de conteúdo exclusivo para assinantes trazendo detalhes sobre o caso Henry¹⁷. As informações foram sendo atualizadas de 28 de março (20 dias após o homicídio) a 02 de julho de 2021. Intitulada “Morte de Henry: conheça a vida do menino e como foi a investigação que levou à prisão de seu padrasto e de sua mãe”, a reportagem especial é dividida em tópicos que abordam diversos temas do caso. Entre eles, a vida familiar do menino, circunstâncias do homicídio, pormenores da

¹⁵ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/fernando-alexandre-lucas-e-henry-da-barrada-tijuca-a-belford-roxo/>. Acesso em: 18 nov. 2022.

¹⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/morte-de-henry-conheca-vida-do-menino-como-foi-investigacao-que-levou-prisao-de-seu-padrasto-de-sua-mae-24943249>. Acesso em: 18 nov. 2022.

¹⁷ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/morte-de-henry-conheca-vida-do-menino-como-foi-investigacao-que-levou-prisao-de-seu-padrasto-de-sua-mae-24943249>. Acesso em: 18 nov. 2022.

investigação, prisões dos indiciados e consequências do crime. Cada um dos títulos ganhou uma ilustração que ajuda a contar a história do ocorrido, com imagens de Henry, seu pai Leniel Borel, além de Monique e Jairinho. Algo parecido jamais foi publicado no caso de Alexandre, Fernando e Lucas.

Outros casos ressonantes podem ser citados a fim de comparar o alcance midiático, como os de Isabella Nardoni e Madeleine McCann. Similar ao homicídio de Henry, a morte de Isabella teve ampla cobertura na mídia brasileira, em 2008. A menina faleceu após ser jogada do sexto andar de um edifício aos 5 anos de idade. Cumprem pena pelo homicídio doloso qualificado Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, pai e madrasta de Isabella. À época foram produzidas reconstituições do crime na TV e realizadas diversas entrevistas, com a mãe da menina Ana Carolina Oliveira, e com os réus do crime, por exemplo. Hoje é possível encontrar inúmeros vídeos documentais do caso, como o webdocumentário publicado pelo portal Memória Globo¹⁸, que reúne detalhes do acontecimento, matérias telejornalísticas da época e depoimentos.

Figura 4: Henry Borel, Isabella Nardoni e Madeleine McCann, respectivamente.



Fonte: Diário do Nordeste (Henry e Isabela)¹⁹. G1 (Madeleine)²⁰.

Já o caso de Madeleine McCann é o episódio mais conhecido de sumiço de uma criança no mundo. A menina britânica de 3 anos desapareceu em Portugal, onde passava férias com a família, no ano de 2007. O caso mobilizou a imprensa mundial e hoje coleciona

¹⁸ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/caso-isabella-nardoni/noticia/caso-isa-bella-nardoni.ghtml>. Acesso em: 18 nov. 2022.

¹⁹ Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ultima-hora/pais/casos-henry-borel-e-nardoni-ch-amam-atencao-para-violencia-contra-crianca-no-brasil-1.3070551>. Acesso em: 22 nov. 2022.

²⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/11/justica-belga-reabre-caso-que-pode-estar-ligado-a-suspeito-do-desaparecimento-de-madeleine-mccann.ghtml>. Acesso em: 22 nov. 2022.

documentários nas plataformas digitais. De tempos em tempos, ele continua sendo notícia também na mídia hegemônica brasileira. Como afirma o jornalista Jairo Malta, em texto publicado na coluna Sons da Periferia, da Folha de S.Paulo:

3 de maio de 2007, uma menina branca de 3 anos lá do outro continente desapareceu e o mundo agora se comove. “O caso Madeleine completa um ano neste sábado, hoje no “Jornal Hoje”, 2008. Os pais tiveram até a ajuda da Sua Santidade Bento XVI. Moveram céus e terra na busca de Madeleine, literalmente. 2009, 2010, 2011, 2012, e todo ano já iniciava com dois eventos previamente marcados, show do Especial Roberto Carlos na TV Globo e alguma reviravolta no caso Madeleine detalhado em minúcias em uma grande reportagem no Fantástico.²¹

Os acontecimentos citados envolvem crimes contra crianças. A maior parte deles ocorridos de maneira cruel e que, de fato, comovem o público e merecem todo destaque na imprensa. No entanto, o que separa Alexandre, Fernando e Lucas de Henry, Isabella e Madeleine, além da cor da pele e da classe social, é o tratamento que suas mortes e/ou desaparecimentos tiveram pela polícia, pela mídia e, conseqüentemente, pelo público.

Portanto, pelos motivos apresentados até aqui, o presente trabalho levanta a hipótese de que as *coberturas realizadas nos jornais da mídia hegemônica brasileira ajudaram a construir uma história única sobre os três meninos*. Nesse sentido, será realizada a análise de tais coberturas a fim de elucidar a questão de *como a colonialidade impacta na criação de histórias únicas pelo jornalismo da grande mídia*.

4.3 Metodologia

Este trabalho se propõe a analisar a cobertura do caso dos meninos de Belford Roxo pela mídia hegemônica brasileira em uma tentativa de responder nossa questão de pesquisa, assim como confirmar a hipótese de que foi criada uma história única sobre as vítimas. Desta maneira, além da revisão bibliográfica, adotada como metodologia primeira e básica para a realização do trabalho, será feita uma análise da cobertura do caso pelos jornais O Globo e Folha de S.Paulo. Os veículos foram escolhidos por serem os dois jornais diários de maior circulação no Brasil. Além de terem uma longa tradição de mercado e possuírem o capital primordial da práxis jornalística, a credibilidade com o público leitor.

²¹ Disponível em: <https://sonsdaperifa.blogfolha.uol.com.br/2021/01/13/sobre-criancas-balas-perdidas-vagas-lem-brancas-e-a-morte/>. Acesso em: 18 nov. 2022.

Fundado em 1925, no Rio de Janeiro, o jornal O Globo é parte importante do maior conglomerado de mídia e comunicação da América Latina, o Grupo Globo. Segundo dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC)²², no ano de 2021, o jornal O Globo liderou o ranking de assinaturas no Brasil, tanto em sua versão impressa quanto digital. Esse número de assinantes ultrapassa os 373 mil. Por outro lado, a Folha de S.Paulo, ocupa o segundo lugar na quantidade de assinantes no país. No ano anterior, 2020, foi considerado o principal jornal do Brasil pelos mesmos critérios no levantamento do IVC. Com 101 anos de tradição, o veículo acumula mais de 366 mil assinantes nas versões impressa e digital. Pela relevância supracitada, se justifica a escolha dos dois jornais para abordar a criação de histórias únicas no jornalismo da grande mídia brasileira.

Serão analisadas reportagens publicadas durante o período de investigações do caso pela polícia, que vão da semana do desaparecimento de Alexandre, Fernando Henrique e Lucas Matheus, no fim de 2020, até a conclusão do inquérito, no início de dezembro de 2021. Assim, o nosso *corpus* será composto por notícias publicadas na versão on-line dos jornais O Globo e Folha de S.Paulo. Do primeiro foram contabilizadas 38 matérias, publicadas entre 29 de dezembro de 2020 e 10 de dezembro de 2021 (APÊNDICE A). Já a Folha publicou 12 matérias entre 03 de janeiro e 09 de dezembro de 2021 (APÊNDICE B).

Para elaborar as categorias de análise, este trabalho, diante do que já foi abordado nos capítulos anteriores, compreende que as histórias únicas se apresentam como uma estratégia colonialista para desumanizar pessoas fora do padrão hegemônico, principalmente os seres racializados. Levamos em consideração que o jornalismo tem sua base em ordens que reproduzem as lógicas da colonialidade; da mesma maneira que as histórias únicas são fundadas pelas relações de poder estabelecidas ainda no momento do colonialismo. Nesse sentido, pretendemos desvelar como essas histórias ocorrem no espaço midiático jornalístico. A partir da pesquisa bibliográfica realizada, foram localizados quatro elementos que compõem tal estratégia. Eles constituem a grade analítica que será apresentada a seguir.

A primeira categoria de análise é a da *localização geográfica*. Neste tópico iremos investigar de que maneira a localização geográfica dos meninos, isto é, a cidade de Belford Roxo, na Baixada Fluminense, é inserida na narrativa. Além de elucidar qual a importância dela nessa construção. Em Chimamanda (2019), a localização é um elemento central para a questão da história única. Nos seus relatos, a autora apresenta como o continente africano é enxergado como um lugar apenas de catástrofe, exotismo e pobreza. Conseqüentemente, tudo

²² Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/jornais-em-2021-impresso-cai-13-digital-sobe-6/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

e todos provenientes dela são resumidos a características estereotipadas. Nesse sentido, *o objetivo do critério é desvendar se a indicação da localização geográfica por parte dos veículos jornalísticos convoca ou constrói algum sentido no leitor da notícia e como isso impacta sua recepção.*

A segunda categoria analítica escolhida é a da *racialidade*. Como abordado em capítulos anteriores, a cor da pele foi o pressuposto para determinar um padrão de humanidade e, por conseguinte, gerar sub-humanidades ainda no processo de colonização europeu, momento em que a noção de raça foi criada. Dessa forma, compreende-se a categoria da racialidade como substancial na criação de histórias únicas. Isso porque são os seres não-brancos, aqueles classificados como o *Outro*, que tem suas experiências e narrativas simplificadas e estereotipadas. Nesse sentido, serão examinados indícios da racialização de Alexandre, Lucas Matheus e Fernando Henrique. *O objetivo do critério é, portanto, elucidar como e porquê as narrativas definem e propagam o pertencimento racial dessas crianças.*

Como terceiro critério para analisar a cobertura do caso, serão levadas em consideração as *lógicas para a construção da narrativa*. Isto é, serão abordadas as decisões tomadas pelos veículos para construir a história do caso durante o ano de investigações. Como já tratado no presente trabalho, o discurso jornalístico está inserido na conjuntura colonial de pensamento. E dinâmicas da prática jornalística, como os critérios de noticiabilidade, são formas de determinar quais acontecimentos merecem destaque em detrimento de outros. Assim, procuramos entender as lógicas de valor-notícia e outras estratégias utilizadas. Entre elas, a maneira como as narrativas são contadas; já que, quando as tramas complexas da realidade são expressas de maneira simplória, histórias únicas são criadas. Logo, *o objetivo do critério é elucidar de que maneira as decisões tomadas pelos veículos na construção da cobertura impactam na forma como a história é assimilada pelo público leitor.*

Por fim, a quarta categoria de análise é a dos *estereótipos*, que procura indícios de essencialização ou reducionismos na representação das vítimas, bem como de suas famílias e comunidades. Será levado em consideração a definição de estereotipagem de Stuart Hall (2016). Para o autor, ela é uma prática de produção de significados que reduz os seres a categorias simples e essencializadas, representadas como fixas e naturais. Traços que são, depois, exagerados e simplificados. Portanto, *o objetivo do critério é entender quais estereótipos foram criados na cobertura do caso dos meninos de Belford Roxo. A fim de desvendar qual história única sobre essas crianças foi construída.*

5. ANÁLISE DA COBERTURA DOS JORNAIS O GLOBO E FOLHA DE S.PAULO

Este capítulo se dedica a analisar a cobertura do caso de desaparecimento e assassinato de Alexandre da Silva, Fernando Henrique e Lucas Matheus pelos jornais O Globo e Folha de S.Paulo. Foram catalogadas notícias ou reportagens publicadas entre 29 de dezembro de 2020 e 10 de dezembro de 2021 (APÊNDICES A E B), período em que ocorreu a investigação do crime. A grade analítica é composta pelas categorias de *localização geográfica, racialidade, lógicas para a construção da narrativa e estereótipos*.

5.1 Localização geográfica

A localização geográfica é um fator muito significativo quando se fala de história única. A autora Chimamanda Adichie (2019) destaca que a África, desde o período da colonização, vem sendo representada na literatura e, depois, na mídia como um lugar de catástrofe e pobreza. Essa imagem, pautada na desigualdade acaba por simplificar a experiência dos indivíduos no continente, tornando difícil o reconhecimento da humanidade comum. Nesse sentido, ao analisar a cobertura do caso de Alexandre, Fernando e Lucas, é essencial levar em consideração o contexto do lugar onde moravam, desapareceram e foram mortos. Entendendo a localização geográfica como um signo que também pode afetar a interpretação do fato pelos receptores de uma notícia.

A Baixada Fluminense é uma das regiões mais populosas do Rio de Janeiro, com 3,7 milhões de habitantes. Número que representa 22% da população total do estado²³. Belford Roxo, por sua vez, é a quarta maior cidade da Baixada, com uma população estimada em mais de 500 mil pessoas, segundo o IBGE²⁴. Apesar disso, o censo demográfico de 2010²⁵ classificou o município como o 70º no ranking de Índice de Desenvolvimento Humano no estado do Rio de Janeiro, pontuando 0,684, do máximo de 1, no IDHM.

Nesse sentido, tanto a Baixada Fluminense, quanto a cidade de Belford Roxo enfrentam problemas sociais e de segurança pública. Segundo levantamento do Instituto Fogo Cruzado²⁶, a Baixada teve mais de sete mil tiroteios, entre os anos de 2017 e 2022, nos quais mais de 3.600 pessoas foram baleadas. Já o número de mortos ultrapassou os 2.300. E foi

²³ Disponível em: <https://bityli.com/pgioshHMw> Acesso em: 22 nov. 2022.

²⁴ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/tj/belford-roxo/panorama>. Acesso em 22 nov. 2022.

²⁵ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/tj/belford-roxo/pesquisa/37/30255?tipo=ranking>. Acesso em: 23 nov. 2022.

²⁶ Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2022/04/6391516-baixada-fluminense-teve-mais-de-sete-mil-tiroteios-em-seis-anos.html>. Acesso em: 22 nov. 2022.

Belford Roxo a líder no registro de tiroteios, entre os 13 municípios que compõem a região. Pelo menos uma troca de tiros foi registrada por dia na cidade.

Outros dados alarmantes são os de desaparecimentos forçados. Eles configuram o sumiço relacionado à violência urbana ou devido a agentes do Estado. Nos últimos cinco meses de 2019, 531 pessoas haviam desaparecido na Baixada Fluminense. Aproximadamente 60% do total de sumiços no estado do Rio de Janeiro acontece na região (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2020, p. 5). É importante levar em consideração que Belford Roxo é um município majoritariamente negro, onde mais de 65% da população se autodeclara preta ou parda²⁷. Isto posto, segundo nota técnica do Ministério Público Federal, o perfil geral das vítimas de desaparecimento forçado é:

[..] de jovens, pretos e pardos, com baixa escolaridade, do sexo masculino e moradores de favelas e periferias. O histórico de violência urbana na Baixada Fluminense é marcado pelo cotidiano desaparecimento de corpos, mortes que são ignoradas pelas estatísticas oficiais. (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2020, p. 6)

Os números, de fato, apontam para um problema crônico na região onde moravam Alexandre, Lucas e Matheus. No entanto, a construção da imagem da Baixada Fluminense como um lugar marcado pela violência remonta à década de 1970. Visão que era fomentada pelos veículos jornalísticos da época.

A imagem da “Baixada Fluminense”, na imprensa, já está marcadamente associada à violência. A ação dos grupos de extermínio na região (garantindo a “segurança local” ou utilizando a Baixada como ponto de “desova” para corpos que tenham sido assassinados em outros locais) transformou a Baixada em sinônimo de “criminalidade”. [...] Assim, instaura-se um senso comum acerca da região em que esta começa a ser associada a um “local perigoso”, como percebemos na análise preliminar do material coletado. (ENNE apud ALBUQUERQUE; BARBOSA DA SILVA, 2020, p. 112)

De acordo com Albuquerque e Barbosa da Silva, o ápice da associação da região à criminalidade, aconteceu em 1978, quando Belford Roxo teria sido considerado o “lugar mais violento do mundo” pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura). No entanto, como apontam os autores, a pesquisa realizada pelas Nações Unidas nunca existiu. “Tal informação foi veiculada inicialmente pela Revista Veja em sua edição de 12/04/1978 e posteriormente reproduzidas pelos meios de comunicação do país e do mundo” (ALBUQUERQUE; BARBOSA DA SILVA, 2020, p. 112). Mesmo pautada sobre uma

²⁷ Disponível em: <https://casa-fluminense.redesocialdecidades.org.br/br/RJ/casa-fluminense/regiao/belford-roxo/percentual-de-populacao-preta-ou-parda>. Acesso em: 23 nov. 2022.

inverdade, a ideia de Belford Roxo – que na época ainda não era emancipada como um município – como o lugar mais violento do mundo ficou fixada no imaginário popular e foi perpetuada pela mídia. Nesse sentido, se atribuía “uma ideia ‘qualificadora’, quase que adjetivada, associada às noções de miséria, fome, violência, grupos de extermínio, periferia, lugar distante etc” (ROCHA apud ALBUQUERQUE; BARBOSA DA SILVA, 2020, p. 113).

As informações constantemente publicadas pela mídia sobre a violência em Belford Roxo contribuem para que a cidade, assim como a Baixada Fluminense como um todo, permaneça fora das políticas de segurança pública, ocupando um espaço à margem da sociedade. Por conseguinte, o local fica marcado apenas pela narrativa da violência e torna o ciclo vicioso.

Na cobertura do desaparecimento de Alexandre, Fernando e Lucas, Belford Roxo é o símbolo principal do caso. Das 38 matérias do jornal O Globo analisadas, 22 citam a cidade em seus títulos. A Baixada Fluminense é mencionada em outras 11. Já na cobertura da Folha de S.Paulo, a palavra Belford Roxo aparece em 11 dos 12 títulos das notícias. No entanto, o nome das crianças não é citado no título em nenhum dos jornais. Não obstante, a imagem de Belford Roxo como um local de violência é reiterada pelas coberturas.

Figura 5: Policiamento durante protesto, no qual um ônibus foi incendiado.



Fonte: Reprodução/TV Globo²⁸.

²⁸ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/policia-diz-que-acusado-por-moradores-nao-esta-envolvido-no-sumico-de-meninos-em-belford-roxo-onibus-incendiado-24834260>. Acesso em: 23 nov. 2022.

No dia 12 de janeiro de 2021, depois de mais de duas semanas de protestos, um grupo incendiou um ônibus na rua da Delegacia de Homicídios da Baixada Fluminense²⁹. O Globo noticiou³⁰:

[...] Nesta terça-feira, cerca de 150 moradores realizaram um protesto pedindo que um suspeito de envolvimento do triplo desaparecimento, ocorrido no fim de dezembro, permaneça detido na delegacia. Durante o ato, um grupo de pessoas ateou fogo em latões de lixo e incendiou um ônibus, na Avenida Retiro da Imprensa. Não houve feridos no episódio. (O GLOBO, 2021)

As imagens utilizadas para ilustrar a matéria contribuem na produção de sentido à medida em que mostram o ônibus incendiado, carros da polícia e quatro policiais (FIGURA 5). A notícia publicada também usa frases como “Por conta da confusão, a circulação de ônibus foi interrompida” (O GLOBO, 2021).

Outro fato noticiado foi o caso de um morador da vizinhança que, por possuir imagens de pornografia infantil no celular envolvendo os próprios enteados, foi espancado e levado à DHBF, sob a acusação de ter envolvimento com o sumiço de Alexandre, Fernando e Lucas. No entanto, a polícia, ao ouvir o homem, descobriu que ele não tinha ligação com o caso. O jornal O Globo publicou a notícia³¹, em 13 de janeiro de 2021, com o seguinte título: “Meninos desaparecidos na Baixada: informações falsas e boato que quase termina em tragédia” (O GLOBO, 2021).

As operações feitas pela polícia na comunidade do Castelar também tiveram bastante destaque na cobertura realizada pelos jornais da mídia hegemônica. Dezenas de prisões foram efetuadas nessas ocasiões. Em uma delas, no dia 21 de maio, a Folha de S.Paulo³² divulgou as prisões de 16 suspeitos de “serem traficantes”. A polícia, no entanto, não sabia se eles tinham alguma relação com o caso.

Os detidos são suspeitos de integrarem uma facção criminosa que comanda o tráfico de drogas no Complexo do Castelar e de realizarem uma espécie de tribunal do crime na região, além de diversos roubos de veículos e cargas, segundo a corporação, que não divulgou seus nomes. Até cinco deles também são investigados por torturar um morador e expulsar sua

²⁹ A DHBF fica localizada em Belford Roxo, a menos de um quilômetro da Rua Malófia, onde os meninos foram gravados pelas imagens de segurança.

³⁰ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/policia-diz-que-acusado-por-moradores-nao-esta-envolvido-no-sumico-de-meninos-em-belford-roxo-onibus-incendiado-24834260>. Acesso em: 23 nov. 2022.

³¹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/meninos-desaparecidos-na-baixada-informacoes-falsas-boato-que-quase-termina-em-tragedia-1-24835901>. Acesso em: 23 nov. 2022.

³² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/05/policia-prende-16-pessoas-investigadas-por-sumico-de-meninos-em-belford-roxo-rj.shtml>. Acesso em: 23 nov. 2022.

companheira e seus quatro filhos menores de idade da comunidade. O grupo teria acusado falsamente a família pelo sumiço das crianças para supostamente prejudicar o trabalho da polícia. (FOLHA DE S. PAULO, 2021)

Já no dia 09 de setembro, outra operação contra o tráfico de drogas foi realizada pela polícia. Dessa vez, sem ligação com a investigação do sumiço das crianças. No entanto, a ação foi noticiada pelo O Globo³³ com o seguinte título: “PM faz operação e ocupa Morro do Castelar, em Belford Roxo, onde moravam meninos desaparecidos”. No lide, o jornal apontou:

A Polícia Militar do Rio faz, na manhã deste sábado, uma operação para ocupar a Comunidade do Castelar, em Belford Roxo, Baixada Fluminense. A região, dominada pela maior facção criminosa do estado, foi indicada pelas investigações como reduto da quadrilha responsável pela morte dos três meninos desaparecidos desde dezembro de 2020. Era lá também onde as crianças moravam, mas apesar disso a corporação não indica ligação entre o caso e a ação. (O GLOBO, 2021)

Portanto, a indicação da localização geográfica constrói sentido no leitor das notícias do caso à medida que corrobora para uma imagética de violência, selvageria e pobreza, criando uma história única da cidade de Belford Roxo e da Baixada Fluminense.

5.2 Racialidade

Alexandre, Fernando e Lucas eram meninos negros. Por isso, para realizar uma análise da cobertura jornalística do caso é primordial levar em consideração a questão da raça. Em nossa concepção, a racialidade se apresenta como substancial para a criação de uma história única. Isso porque a cor da pele ainda é um pressuposto para determinar humanidades e sub-humanidades. Por isso, examinaremos indícios da racialização das três crianças.

Em primeira instância, é preciso explorar o uso de imagens pelos jornais O Globo e Folha de S.Paulo. É importante evidenciar que a foto das vítimas é um elemento crucial para a divulgação de um desaparecimento, a fim de que elas sejam encontradas. No entanto, na primeira matéria publicada em ambos os jornais, não há imagens dos três meninos.

No jornal O Globo, a foto das crianças é utilizada pela primeira vez em 12 de janeiro de 2021³⁴, dezesseis dias depois do desaparecimento. Na ocasião, outras seis matérias já

³³ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/pm-faz-operacao-ocupa-morro-do-castelar-em-belford-roxo-onde-moravam-meninos-desaparecidos-1-25193678>. Acesso em: 23 nov. 2022.

³⁴ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/policia-diz-que-acusado-por-moradores-nao-esta-envolvido-no-sumico-de-meninos-em-belford-roxo-onibus-incendiado-24834260>. Acesso em: 25 nov. 2022.

havam sido publicadas sem o rosto dos meninos. Além das imagens de câmeras de segurança, apenas outra foto deles é divulgada pelo jornal. Nela, os primos Alexandre e Lucas aparecem juntos à direita, e o mais novo segura uma pipa; à esquerda, Fernando sorri. No entanto, essa imagem foi veiculada pelo O Globo apenas uma vez. Já na Folha de S.Paulo, a foto das crianças aparece pela primeira vez na segunda publicação, uma reportagem de 17 de abril de 2021 (FIGURA 1). A mesma imagem ilustra as outras 11 matérias, sendo a única relacionada ao caso a ser utilizada pela Folha.

Figura 6: Alexandre e Lucas à esquerda. Fernando à direita.



Fonte: Reprodução/O Globo³⁵.

Em uma rápida pesquisa sobre Henry Borel na internet é possível encontrar fotos do menino em diferentes situações: com uniforme escolar, em sua festa de aniversário, brincando na piscina e posando ao lado de familiares, como o pai Leniel Borel que, na ocasião do crime, deu diversas declarações à mídia pedindo justiça pelo assassinato do filho. Um ano após a morte da criança, o jornal O Globo publicou uma entrevista com Leniel³⁶. A matéria inclui um vídeo que mostra o quarto de Henry, suas roupas e brinquedos, além de quadros com imagens de pai e filho.

Em contrapartida, na cobertura dedicada ao caso dos meninos de Belford Roxo, nenhuma fotografia das três crianças com suas famílias foi veiculada. Os familiares aparecem, geralmente, nas fotos dos protestos. Já as mães dos três meninos e a avó de Alexandre e Lucas são sempre representadas em imagens que exprimem sofrimento. Em 26 de janeiro de 2021,

³⁵ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/meninos-desaparecidos-na-baixada-informacoes-falsas-boato-que-quase-termina-em-tragedia-1-24835901>. Acesso em: 27 nov. 2022.

³⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/caso-henry-um-ano-apos-morte-de-menino-pai-mantem-quarto-com-roupas-brinquedos-veja-video-25420835>. Acesso em: 27 nov. 2022.

O Globo publicou uma matéria³⁷ na qual elas manifestam a dor da separação e a falta que seus filhos fazem. Em um dos trechos, a mãe de Fernando desabafa:

Meu filho dormia comigo no quarto. Tudo dele está guardado: roupa, sapato e o colchão usado por ele. Olhar isso tudo me dá uma tristeza danada. Não ter uma notícia me dá muita angústia. Até agora não sei se meu filho está vivo ou morto. Isso é cruel. (O GLOBO, 2021)

Rana Jéssica, mãe de Alexandre, contou também guardar todos os pertences do filho. Entre eles, um short que o menino havia escolhido para usar na festa de ano-novo de 2021, que aconteceria quatro dias depois do desaparecimento das crianças. “Ele já tinha escolhido a roupa. Era um short que eu havia comprado para ele usar. As roupas dele estão guardadas. Está tudo lá em casa. Não gosto nem de olhar porque dá vontade de chorar — disse” (O GLOBO, 2021). Apesar dos relatos, a única imagem usada para ilustrar a matéria é das mães e da avó, no que parece um pátio de escola, segurando os brinquedos que os meninos costumavam usar.

Figura 7: Mães dos três meninos e avó de Alexandre e Lucas seguram brinquedos.



Fonte: Reprodução/O Globo³⁸.

Portanto, é possível afirmar que a representação imagética das crianças e de suas famílias pelos jornais é planejada, não possui dimensões e, conseqüentemente, não gera identificação dos leitores. Através da cobertura, conhecemos um sorriso, uma pose e uma

³⁷ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/maes-usam-brinquedos-para-fazer-apelo-por-tres-criancas-desa-parecidas-na-baixada-fluminense-24856093>. Acesso em: 28 nov. 2022.

³⁸ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/maes-usam-brinquedos-para-fazer-apelo-por-tres-criancas-desa-parecidas-na-baixada-fluminense-24856093>. Acesso em: 28 nov. 2022.

expressão de cada um desses meninos. Eles também não nos foram apresentados em outros ambientes ou na presença de outras pessoas, como seus familiares; principalmente quando em comparação ao menino Henry, que em vídeos e fotos veiculados aparece com os pais ou brincando³⁹. Além disso, mostrar apenas uma foto durante toda cobertura, como no caso da Folha de S.Paulo, também não nos mobiliza. Nesse sentido, compreendemos que há uma narrativa de afetividade criada através das imagens de Henry, que não são formadas no caso dos meninos de Belford Roxo. A população, a partir da história que é contada, não consegue conceber as três crianças como suas, pertencentes do mesmo corpo social. Pais e mães não experimentam empatia por Camila, Tatiana e Rana, como acontece no caso de Leniel Borel. Também não é possível imaginar Alexandre, Fernando e Lucas como alguém que poderia ser um filho ou um sobrinho. Logo, essa forma de representá-los imagetivamente, os separa da sociedade, como alguém que é o *Outro*.

A narrativa da marginalidade é outra construção de sentido produzida pela cobertura jornalística do caso. O suposto furto do passarinho realizado pelos três meninos ganha destaque na história que é contada pelos dois jornais. As crianças passam a ser conhecidas não só por seus desaparecimentos, mas por uma morte que foi desencadeada pelo roubo. Para além disso, em dado momento do ano de investigações, o pai de Lucas Matheus é preso depois de entrar para a facção rival da que matou o filho. A Folha de S.Paulo publicou em 30 de outubro⁴⁰ que Anderson de Jesus foi detido em flagrante por policiais militares e autuado por associação ao tráfico de drogas e porte ilegal de arma de uso restrito. Ele, que morava em outro bairro, na cidade do Rio de Janeiro, afirmou:

“Tinha esperança de encontrar o Lucas vivo. Mas soube por reportagens que ele foi morto por traficantes do CV. Moro em Irajá. Soube dessa reunião do TCP e resolvi me juntar, na emoção. Mas não sou bandido”, disse Jesus ao jornal O Dia na delegacia. “Meu coração estava sangrando. Quis me vingar. Quem faz isso com uma criança?”. (FOLHA DE S.PAULO, 2021)

Logo, as três crianças não só são representadas como “pequenos criminosos” pelos jornais, como o estereótipo da criminalidade também acaba reforçado pela prisão do pai de Lucas. Ademais, a localização geográfica, como já abordado, é um recurso usado para convocar o imaginário que liga negros à pobreza. Neste caso, Belford Roxo tornou-se o

³⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/video/video-o-que-se-sabe-sobre-a-morte-do-menino-henry-borel-no-rio-9360547.ghtml>. Acesso em: 01 dez. 2022.

⁴⁰ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/10/pai-de-menino-desaparecido-em-belford-roxo-e-presos-apos-entrar-em-facao-para-se-vingar.shtml?origin=folha>. Acesso em: 28 nov. 2022.

emblema da cobertura. E quando a localização geográfica é muito reiterada, normalmente, o que se quer dizer é que pessoas negras estão envolvidas.

Portanto, os personagens são entendidos como o *Outro*. Isso porque não há identificação com uma grande parcela dos leitores. As narrativas construídas pelos jornais se apresentam como desconexas das vivências de famílias brancas que não moram em favelas ou no subúrbio do Rio de Janeiro, por exemplo. Assim, o consumidor daquela notícia entende que algo como aquilo nunca aconteceria com ele, pois é uma situação condicionada às famílias pretas de Belford Roxo. Isso torna a história dessas crianças irreconhecível para indivíduos de outras realidades.

5.3 Decisões para construção da narrativa

O discurso jornalístico está inserido na conjuntura colonial de poder. Dinâmicas como os critérios de noticiabilidade determinam quais fatos serão apontados como mais significativos que outros. Além disso, a maneira como as tramas complexas da realidade são inscritas na narrativa jornalística impactam em como uma história será interpretada pelos leitores. Por isso, é significativo indagar as decisões tomadas por cada veículo na construção narrativa do caso dos meninos de Belford Roxo.

As coberturas dos jornais O Globo e Folha de S.Paulo foram diferentes entre si. A primeira distinção que nos chama atenção é a quantidade de publicações sobre o caso em ambos os jornais. Foram contabilizadas 38 matérias no O Globo e 12 na Folha, produzidas durante os quase 12 meses de investigações. Enquanto o primeiro jornal mostrou-se rápido na publicação de notícias, o segundo apresentou matérias mais aprofundadas.

A cobertura do jornal O Globo, em suma, se preocupou mais em dar as informações em primeira mão, que de fato com o conteúdo publicado. Grande parte delas eram formadas por textos pequenos que, geralmente, recapitulavam notícias de dias anteriores. Além disso, houve pouca apuração para além das explicações da polícia. Em geral, a narrativa foi voltada para ações da Polícia Civil, como operações contra o tráfico de drogas do Castelar. Nesse sentido, as publicações tiveram pouco espaço para reflexões analíticas mais aprofundadas.

Em contrapartida, a Folha de S.Paulo publicou uma quantidade bem menor de matérias, cerca de $\frac{1}{3}$ do contabilizado no jornal concorrente. Esse fluxo de trabalho, no entanto, deu espaço para reportagens mais elaboradas, que traziam relatos da família e ponderações sobre o inquérito, como a demora no andamento das investigações pela Polícia Civil.

As duas atuações não são por acaso. Elas refletem as características dos princípios editoriais de cada veículo. Em seu editorial, o jornal O Globo se apresenta como uma mídia cujos valores são “isenção, correção e agilidade”. E afirma que “só tem valor a informação jornalística que seja isenta, correta e prestada com rapidez, os seus três atributos de qualidade” (O GLOBO, 2011). Já o projeto editorial da Folha, declara praticar um jornalismo que oferece um resumo criterioso e atualizado do que acontece de mais relevante, com ênfase na obtenção de informações exclusivas. Sua proposta editorial é “que se abra um leque menos extensivo de assuntos, mas que, em contrapartida, cada um deles seja abordado de modo mais inteiro e interpretativo” (FOLHA DE S.PAULO, 2019).

As reportagens publicadas pela Folha de S.Paulo deram mais relevância às informações dadas pelas famílias. Os relatos das mães ajudam a construir a narrativa que é entregue aos leitores do veículo. Há certa análise crítica do fato e questionamentos sobre a demora nas investigações, além de comparações com a atuação da polícia no caso do menino Henry, que partem das declarações dos próprios familiares. Uma das matérias publicadas pelo jornal⁴¹, em 17 de abril de 2021, conta a rotina das crianças e o que faziam na manhã antes de desaparecerem em Belford Roxo.

Todo domingo a família de Lucas Matheus da Silva, 8, e Alexandre da Silva, 10, se reunia para almoçar. Era o que os primos pretendiam fazer naquele 27 de dezembro de 2020. Eles jogaram bola de manhã e voltaram para tomar banho. Como a comida ainda não estava pronta, beliscaram um pão e desceram para brincar de novo no campo de futebol com o amigo Fernando Henrique Soares, 11, que os esperava. Só que a hora do almoço chegou e eles nunca retornaram. (FOLHA DE S.PAULO, 2021)

O jornal O Globo, por outro lado, traz poucos detalhes que humanizam os personagens da história. Minúcias como o que as crianças gostavam de fazer, comer e brincar são importantes para que as características compreendidas pelo leitor não caiam na categoria do estereótipo – temática que será aprofundada no próximo tópico. Apesar disso, a narrativa do roubo do passarinho, que é evidenciada pelo jornal, também contribui para essa construção. Em 09 de dezembro de 2021, dia em que a conclusão do inquérito foi divulgada pela Polícia Civil, O Globo publicou⁴²:

⁴¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/04/apos-tres-meses-investigacao-sobre-sumico-de-meninos-em-belford-roxo-rj-patina.shtml>. Acesso em: 25 nov. 2022.

⁴² Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/testemunha-telefonema-ajudaram-policia-descobrir-autores-das-mortes-de-meninos-de-belford-roxo-25313046>. Acesso em: 25 nov. 2022.

Por terem furtado uma gaiola de pássaros de um suposto parente de Stala, as crianças foram capturadas e torturadas, em um beco, no Complexo do Castelar, no mesmo dia em que desapareceram. Um deles não resistiu aos ferimentos, causados na sessão de espancamento, e morreu. Logo depois, os traficantes decidiram matar as outras duas vítimas. Os corpos foram transportados em um carro e jogados em um rio que corta o município. (O GLOBO, 2021)

Todavia, é importante destacar que apesar da cobertura realizada pela Folha ser, de certa forma, mais analítica quando em comparação com o jornal O Globo, essa foi uma virada de chave que ocorreu mais de três meses depois do desaparecimento de Alexandre, Fernando e Lucas. A primeira e única matéria publicada antes desse período é do dia 03 de janeiro de 2021⁴³, uma semana depois do fato. Na ocasião, o jornal noticiou o protesto realizado pelas famílias das crianças. Foi a partir da ação e da pressão de coletivos negros nas redes sociais que muitos veículos passaram a divulgar o caso, mesmo que apenas com notas.

Familiares de três crianças desaparecidas há uma semana realizaram uma manifestação neste domingo (3) em Belford Roxo, na Baixada Fluminense. Os meninos, com idades entre 8 e 11 anos, foram vistos pela última vez no último domingo (27). O desaparecimento está sendo investigado pelo setor de Descoberta de Paradeiros da Delegacia de Homicídios da Baixada Fluminense, que recebeu os familiares no fim do ato deste domingo. (FOLHA DE S.PAULO, 2021)

No mesmo dia, O Globo já publicava uma segunda matéria sobre o caso – a primeira fora divulgada em 29 de dezembro de 2020. Quando a Folha veiculou uma segunda reportagem, o jornal O Globo já havia produzido mais de 10 matérias. Nesse sentido, cabe questionar a demora da Folha de S. Paulo para noticiar o triplo desaparecimento. E, mais ainda, o porquê de nenhum outro artigo ter sido publicado em mais de três meses. Principalmente, quando se leva em consideração que, até aquele momento, as crianças estavam desaparecidas e poderiam estar em qualquer lugar. Portanto, a disseminação do fato poderia ajudar a encontrá-los, da mesma forma que a pressão feita pela mídia impediria a negligência da Polícia Civil.

À vista disso, compreende-se que, para o veículo, o fato não era atrativo aos parâmetros de valores-notícia até haver pressão pública. Isto é, o sumiço de três crianças não parecia ser suficiente a fim de demandar apuração. E só passou a ser um caso relevante à medida em que foi muito divulgado por mídias alternativas e comentado nas redes sociais, principalmente em comparação com o caso Henry.

⁴³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/01/tres-criancas-estao-desaparecidas-no-rj-ha-uma-semana-parentes-protestam.shtml>. Acesso em: 25 nov. 2022.

Em suma, é possível afirmar que as decisões tomadas pelos veículos jornalísticos impactaram diretamente na maneira como o leitor interpreta a história, principalmente quanto à importância e à complexidade dedicadas ao caso.

5.4 Estereótipos

Após abordar questões de racialidade, localização geográfica e decisões jornalísticas, a categoria dos *estereótipos* se mostra fundamental para completar a investigação sobre a criação de uma história única na cobertura do caso dos meninos de Belford Roxo. Em nossa análise, compreendemos como estereotipagem aquilo que foi definido pelo teórico Stuart Hall (2016). Isto é, uma prática de produção de significados que reduz os indivíduos a poucas características simples e memoráveis, facilmente compreendidas, amplamente reconhecidas e fixas por natureza. Nessa perspectiva, serão identificados os traços construídos pelos veículos jornalísticos como atributos de Alexandre, Fernando e Lucas.

A questão mais contundente na narrativa criada sobre os três meninos é que seus nomes e suas fotos foram pouquíssimos divulgados. Dar nome e rosto aos personagens das histórias contadas no jornalismo são práticas que, de início, humanizam os indivíduos. No entanto, essa não foi a realidade para Alexandre, Fernando e Lucas, como já abordado nos tópicos da *racialidade e localização geográfica*. Além das imagens das câmeras de segurança divulgadas pelo Ministério Público, somente outras duas fotos das crianças foram veiculadas pelo O Globo e Folha de S.Paulo. Já o nome dos meninos não foi citado nenhuma vez nos títulos das matérias de ambos os jornais. Em 20 das 38 publicações do jornal carioca, os nomes também não são mencionados no lide. Na Folha, acontece o mesmo em 11 das 12 matérias catalogadas.

Logo, o que identifica essas crianças é a alcunha de “meninos de Belford Roxo”, como o caso ficou amplamente conhecido. Essa titulação não só demarca a localização geográfica em que os meninos moravam, desapareceram e foram mortos, como corrobora na construção de sentido sobre o ocorrido. Ao essencializar a personalidade de três crianças de idades e vivências diferentes e atar a um local, os jornais fixam no consciente dos leitores ideias de racialidade, criminalidade, violência e pobreza – vinculadas à história única de Belford Roxo.

Do mesmo modo, o suposto roubo do passarinho é outra narrativa que salta à frente das características das crianças. Alexandre, Fernando e Lucas ficam marcados pela imagem da criminalidade. Esse estereótipo é fortalecido pela representação de Belford Roxo no

imaginário social e por notícias que narram o envolvimento de parentes e conhecidos dos meninos em confusões, espancamentos e prisões, como a do pai de Lucas Matheus.

Ademais, a cobertura jornalística do caso pela grande mídia não constrói a individualidade dos meninos. Apesar de serem três seres humanos diferentes, não há nenhum indício nas histórias contadas que identificam a personalidade de cada uma das crianças. Eles são compreendidos como unidade, que desaparece e morre brutalmente. Mesmo características e fatos que ajudariam a localizá-los, enquanto ainda eram tidos como desaparecidos, não foram disseminadas. “Por que saíram naquele dia?”, “Qual eram suas rotinas?”, “Do que gostavam de brincar e de comer?”. Informações como essas mal tiveram espaço no que foi publicado pelos jornais. Mas o fato de que eles tinham o hábito de saírem para brincar sozinhos e ficarem por horas na rua foi divulgado como primeira justificativa para o sumiço das três crianças.

Nesse ínterim, é possível afirmar que grande parte das características apresentadas pela narrativa jornalística sobre Alexandre, Fernando e Lucas são vinculadas a aspectos negativos. Elas reduzem os meninos a traços simples, essencializados e fixos, demarcados por questões de raça, violência e criminalidade. De acordo com as ideias de Chimamanda Ngozi Adichie (2019), insistir apenas em histórias negativas é simplificar a experiência de um indivíduo e ignorar as muitas histórias que formam uma pessoa. Portanto, compreendemos que as coberturas realizadas pelos jornais da mídia hegemônica brasileira ajudaram a construir uma história única sobre essas crianças.

6. CONCLUSÃO

O presente trabalho se dedicou a pensar o jornalismo da grande mídia brasileira através de uma ótica decolonial, discutindo as lógicas de poder e desumanização de seres historicamente subalternizados. Sendo assim, investigamos de que maneira as histórias únicas são criadas pelos veículos hegemônicos e qual o impacto da colonialidade nessa prática.

Em primeira instância, compreendemos que o processo de colonização foi a origem da segregação e desumanização de seres não brancos. Nesse momento histórico foi criada a ideia de raça, determinando humanidades e sub-humanidades. Por conseguinte, a branquitude tornou-se um sistema político e uma identidade universal, que é colocada no centro de tudo e enxergada como sinônimo de humanidade. Tudo aquilo que não se encaixa nesse padrão passa a ser entendido como o *Outro*.

Nessa perspectiva, explorar o fenômeno da colonialidade se torna fundamental, à medida em que ela sustenta e perpetua as lógicas de desumanização fundadas pelo colonialismo. Através da colonialidade do saber, que representa a esfera epistemológica da dominação colonial, são considerados válidos apenas os pontos de vista e a produção intelectual da branquitude, caracterizada por uma tradição europeia do conhecimento. Nesse sentido, os conceitos de ciência, erudição e razão se tornam intrinsecamente ligados ao poder e à autoridade colonial.

O jornalismo, assim como a ciência, tem suas raízes em ideais moderno-iluministas, como a objetividade e a neutralidade. No entanto, como abordado ao longo da pesquisa, nenhum discurso é de fato isento, já que falamos de lugares e tempos específicos. Esses conceitos, que se apresentam como norteadores da prática jornalística, funcionam como uma espécie de metodologia que tenta inibir a atuação da subjetividade no relato dos acontecimentos, de maneira a priorizar a comunicação dos fatos. No entanto, por estar situado em uma racionalidade que simplifica muito mais do que complexifica as formas como a realidade é concebida, o jornalismo acaba inserido na conjuntura colonial de pensamento. E, portanto, reproduz padrões de raça, gênero e classe.

Isso acontece posto que o lugar da narração dos fatos no jornalismo, principalmente na mídia hegemônica, é uma posição de poder. E sua manutenção está em dinâmicas como os critérios de noticiabilidade, que determina certos fatos como mais significativos que outros. Esse poderio garante que os valores predominantes na sociedade, marcada pela colonialidade, sejam reproduzidos e chancelados por um discurso que carrega em si credibilidade. Assim, a maneira como as tramas complexas da realidade são inscritas na narrativa jornalística

impactam diretamente em como a história será interpretada pelos leitores. Quando uma narrativa é contada de apenas um ponto de vista, histórias únicas são criadas.

Como abordado, as histórias únicas acontecem quando as múltiplas perspectivas de uma pessoa são ignoradas em detrimento de atributos fixos. A estereotipagem, como uma prática de produção de significados, reduz as pessoas a poucas características simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas. Assim, tudo sobre ela é reduzido a esses traços que são depois simplificados e exagerados. Em outros termos, essas histórias únicas são criadas no jornalismo quando se retrata o outro de maneira simplória, sem levar em conta a trama complexa de realidades que compõem a subjetividade daqueles indivíduos. Como as posições raciais, geográficas, de classe, gênero, sexualidade e suas inscrições na estrutura social brasileira.

Muitos são os exemplos de histórias únicas produzidas pelo jornalismo. Isso acontece, primeiramente, porque as redações são compostas majoritariamente por pessoas brancas. Segundo pesquisa da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)⁴⁴, 84% dos jornalistas que compõem os três maiores veículos do país (O Globo, Folha de S.Paulo e Estado de São Paulo) são brancos. Esse número representa quase duas vezes o percentual da população brasileira, que é 43% branca. Já os negros, que são a maioria da população do país, não constituem 15% do percentual total de jornalistas dos três veículos. E a situação é ainda mais crítica quando falamos dos cargos de decisão nessas equipes.

Portanto, não é surpresa que as narrativas jornalísticas também sejam, em sua maioria, contadas através do ponto de vista da branquitude. E é ao retratar personagens com vivências diferentes da sua, sem o cuidado de orientar a pauta e o enquadramento segundo as posições sociais que aquele indivíduo ocupa, que muitos jornalistas acabam reproduzindo estereótipos desumanizantes.

Neste trabalho ficou evidente que a mídia hegemônica brasileira contribuiu para a criação de uma história única sobre o caso de Alexandre, Fernando e Lucas, como inicialmente proposto. Além da baixa repercussão do caso, quando em comparação a episódios de assassinatos ou desaparecimento de crianças brancas, foram encontrados indícios de uma narrativa estereotipada. A partir do referencial teórico construído, entendemos que aspectos como racialidade, localização geográfica e decisões jornalísticas tomadas na construção da narrativa do caso impactaram diretamente na produção de sentido das notícias e reportagens veiculadas.

⁴⁴ Disponível em: <https://gema.iesp.uerj.br/infografico/jornalismo-brasileiro-raca-e-genero-de-quem-escrevem-principais-jornais-do-pais/>. Acesso em: 01 dez. 2022.

Consideramos ostensiva a influência que a localização geográfica possui na construção de sentido do texto. A história única de Belford Roxo, marcada por uma imagética de violência, selvageria e pobreza, impacta diretamente em como a narrativa dessas crianças é compreendida. Principalmente porque o caráter dos três meninos é essencializado ao entendimento que se tem daquele local.

Já através da categoria da racialidade, foi exposta no discurso jornalístico do caso uma narrativa que expressa diferenças. As três crianças são identificadas pelo leitor como o *Outro*, já que os jornais optam por destacar diferenças em vez de aspectos que humanizam esses personagens. Tornando suas vivências irreconhecíveis para indivíduos de outras realidades.

Do mesmo modo, as decisões tomadas para a construção da narrativa pelos jornalistas impactaram na percepção da importância do fato ocorrido. A relevância dada ao caso ao longo do ano de investigações e a forma escolhida para narrar os acontecimentos destacaram certos aspectos da história em detrimento de outros, como a narrativa da criminalidade.

Por fim, a categoria dos estereótipos tornou evidente qual foi a história única criada pelos jornais da mídia hegemônica analisados. Grande parte das características apresentadas sobre os meninos de Belford Roxo são vinculadas a aspectos negativos, que os reduzem a questões de raça, violência e criminalidade. Esses estereótipos roubam a dignidade e desumanizam Alexandre, Fernando, Lucas e suas famílias.

No entanto, é importante destacar que ao mesmo tempo em que as histórias têm o poder de caluniar e espoliar determinados seres, elas também podem ser usadas para resgatar a dignidade de um povo. Nesse sentido, reiteramos o papel fundamental que o jornalismo pode ter para humanizar os seres subalternizados.

O presente trabalho cumpriu aquilo que propôs. Isto é, investigou de que maneira a colonialidade impacta na criação de histórias únicas pelo jornalismo da grande mídia. Mas apesar de ter avançado em tal questão, de maneira alguma esgota as reflexões sobre a temática. Assim, novas indagações devem continuar sendo feitas. Principalmente porque o campo dos estudos decoloniais aplicados à prática jornalística, especialmente os afrocentrados, ainda são recentes no Brasil.

Portanto, cabe às próximas pesquisas analisar diferentes problemáticas que envolvem a desumanização de pessoas negras na mídia. A partir deste trabalho surgem questões para serem aprofundadas, como, por exemplo, a representação da cidade de Belford Roxo no jornalismo. Como visto, esse é um problema histórico e que impacta diretamente em diversas outras construções de sentido, como no caso de Alexandre, Fernando e Lucas. Do mesmo modo, é imprescindível discutir com mais afinco o papel dos valores-notícia enquanto

reprodutores das normas coloniais. Por fim, urge a necessidade de apontar caminhos alternativos para um jornalismo decolonial, que em sua práxis resiste e desconstrói os padrões e as lógicas impostas pela colonialidade.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução: Julia Romeu – 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALBUQUERQUE, E. BARBOSA DA SILVA, A. B. De lugar mais violento do mundo a lugar do samba – Carnaval e identidade na Baixada Fluminense. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Seção Três Lagoas, v. 1, n. 32, p. 95-131. 2020.

ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALVES, Iulo Almeida; ALVES, Tainá Almeida. O perigo da história única: diálogos com Chimamanda Adichie. In: **I Ciclo de Eventos Linguísticos, Literários e Culturais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia**, Jequié. Disponível em: <http://bocc.ufpb.pt/pag/alves-alves-o-perigo-da-historia-unica.pdf>. Acesso em: 30 set. 2022.

BARBOSA, A. Por uma teoria latino-americana e decolonial do jornalismo – critérios de noticiabilidade para o jornalismo latino-americano: o caso da revista Nossa América 2022. **Revista Alterjor**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 03-19, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/199047>. Acesso em: 22 de out. 2022.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser**. Tese (Doutorado em Filosofia da Educação). São Paulo: FEUSP, 2005.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.

CHALABY, Jean. O jornalismo como invenção anglo-americana. Comparação entre o desenvolvimento do jornalismo francês e anglo-americano (1830-1920). **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 3, n. 2003, p. 29-50, 2003.

FOLHA DE S.PAULO. 2021. Disponível em: <https://www.folha.uol.com.br/>. Acesso em: 08 dez. 2022.

FOLHA DE S.PAULO. **Projeto editorial da Folha**. São Paulo, 2019. Disponível em: <http://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/projeto-editorial-folha-de-s-paulo/introducao.shtml>. Acesso em: 28 nov. 2022.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. 22ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

GUIMARÃES-SILVA, Pâmela; PILAR, Olívia. A segunda morte de Marielle e a segunda vida do acontecimento: o poder hermenêutico de um acontecimento necropolítico e interseccional no Brasil. **Revista ECCOM**, São Paulo, v. 12, p. 182-196, 2021. Disponível em: <http://unifatea.com.br/seer3/index.php/ECCOM/article/view/1251>. Acesso em: 07 dez. 2022.

HALL, Stuart. O espetáculo do “Outro”. In: HALL, Stuart, **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010 - Características da População e dos Domicílios: Resultados do Universo**. 2010, p. 76. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf Acesso em: 07 dez. 2022.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua): Característica Geral dos moradores 2020-2021**. 2022. p. 1. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101957_informativo.pdf. Acesso em: 23 out. 2022.

IJUIM, Jorge Kanehide. Jornalismo e humanização: heranças eurocêntricas no pensar e no fazer jornalísticos. **Revista Extraprensa**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 91-108, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/159921>. Acesso em: 22 out. 2022.

INSTITUTO SOU DA PAZ. **Violência Armada e Racismo: o papel da arma de fogo na desigualdade social**. 2021. Disponível em: <https://soudapaz.org/wp-content/uploads/2021/11/Violencia-Armada-e-Racismo.pdf>. Acesso em 25 out. 2022.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento: uma palestra-performance de Grada Kilomba**. Tradução de Jessica Oliveira. 2016. Disponível em: <https://joacamillo.penna.files.wordpress.com/2018/05/kilomba-grada-ensinando-a-transgredir.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. Tradução de Jessica Oliveira. Rio de Janeiro: Cogobó, 2019.

MALDONADO-TORRES, Nelson; Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL (Org.) **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus Editorial, 2008.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 32, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVv/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 30 set. 2022.

MILLS, Charles W. **The Racial Contract**. Cornell University Press: Ithaca and London, Cornell Paperbacks, 1997.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Grupo de Trabalho Interinstitucional de Defesa da Cidadania: Nota Técnica nº 8**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1ud8TSfsvEOgAjU_Bc9_L4VHkzt_P_iOf/view. Acesso em: 23 nov. 2022.

MORAES, Fabiana. A subjetividade como uma proposta de decolonização do jornalismo brasileiro. In: MAIA, Marta R.; PASSOS, Mateus Yuri (Org.) **Narrativas Midiáticas Contemporâneas: epistemologias dissidentes**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2020. Disponível em: https://www.editoracatarse.com.br/wp-content/uploads/2020/11/Narrativas_Midiaticas_Contemporaneas_Epistemologias_Dissidentes.pdf. Acesso em: 25 out. 2022.

MORAES, Fabiana. Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. **Revista Extraprensa**, v. 12, n. 2, p. 204-219, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153247>. Acesso em: 25 out. 2022.

MORAES, Fabiana; VEIGA DA SILVA, Márcia. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais do 28º Encontro Anual da Compós**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/papers/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero--a-subjetividade-como-estrategia-descolonizadora>. Acesso em: 23 out. 2022.

NOGUERA, Renato. Necroinfância: por que as crianças negras são assassinadas. **Lunetas**, 09 dez. 2020. Disponível em: <https://lunetas.com.br/necroinfancia-criancas-negras-assassinadas/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

O GLOBO. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/>. Acesso em: 08 dez. 2022.

O GLOBO. **Princípios editoriais do Grupo Globo**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/principios-editoriais/#principios-editoriais>. Acesso em: 28 nov. 2022.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2012.

PRADO, B et al. Os conceitos de saber, poder e discurso ideológico analisados segundo a teoria de Michel Foucault. **Revista Anagrama**. Ano 4 – Edição 3, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35527/38246>. Acesso em: 30 set. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. **CLACSO** Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140507042402/eje3-8.pdf>. Acesso em: 30 set. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y Modernidad-racionalidad. In: BONILLO, Heraclio (Org.). **Los conquistados**. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992, p. 437-449. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

ROCHA, Caio Brasil. **Mortes menores: categorias de classificação da infância no jornal Extra**. Dissertação (Mestrado em Comunicação/Mídia e Mediações Socioculturais). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2021.

SPONHOLZ, Liriam. Objetividade em Jornalismo: uma perspectiva da teoria do conhecimento. **Revista FAMECOS**. v. 10, n. 21, p. 110-120, 2008.

TONIAL, Felipe Augusto Leques; MAHEIRIE, Kátia; GARCIA JR., Carlos Alberto Severo.

A resistência à colonialidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 16, n. 1, p. 18-26, 2017.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Insular, 2005.

VELHO, Bruna Marcos. **Percepções de um Contrato Racial na trajetória educacional dos negros no Brasil: estudo a partir da representatividade dos negros no município de Concórdia, SC**. Dissertação (Mestrado em Educação). Chapecó. UFFS, 2020. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/3840/1/VELHO.pdf>. Acesso em: 30 set. 2022.

8. APÊNDICES

8.1 APÊNDICE A - Matérias publicadas pelo jornal O Globo sobre o caso dos meninos de Belford Roxo.

	Título:	Data:	Link:
1	Três crianças da mesma família desaparecem na Baixada Fluminense	29/12/2020	https://oglobo.globo.com/rio/tres-criancas-da-mesma-familia-desaparecem-na-baixada-fluminense-24815954
2	Após uma semana do desaparecimento dos três meninos em Belford Roxo, familiares fazem protesto	03/01/2021	https://oglobo.globo.com/rio/apos-uma-semana-do-desaparecimento-de-tres-meninos-em-belford-roxo-familiares-fazem-protesto-24821483
3	Parentes de meninos desaparecidos em Belford Roxo sofrem acidente enquanto faziam buscas	06/01/2021	https://oglobo.globo.com/rio/parentes-de-meninos-desaparecidos-em-belford-roxo-sofrem-acidente-enquanto-faziam-buscas-1-24826159
4	Meninos desaparecidos em Belford Roxo não foram registrados em mais de 40 câmeras analisadas	07/01/2021	https://oglobo.globo.com/rio/meninos-desaparecidos-em-belford-roxo-nao-foram-registrados-em-mais-de-40-cameras-analisadas-24827597
5	Polícia faz novas buscas em Belford Roxo, mas não encontra pistas de três crianças desaparecidas	10/01/2021	https://oglobo.globo.com/rio/policia-faz-novas-buscas-em-belford-roxo-mas-nao-encontra-pistas-de-tres-criancas-desaparecidas-24832081
6	Polícia diz que acusado por moradores não estava envolvido no sumiço dos meninos em Belford Roxo; ônibus é incendiado	12/01/2021 - 10:26	https://oglobo.globo.com/rio/policia-diz-que-acusado-por-moradores-nao-esta-envolvido-no-sumico-de-meninos-em-belford-roxo-onibus-incendiado-24834260
7	Semanas sem respostas: confira a linha do tempo do desaparecimento de três meninos em Belford Roxo	12/01/2021 - 14:24	https://oglobo.globo.com/rio/semanas-sem-respostas-confira-linha-do-tempo-do-desaparecimento-de-tres-meninos-em-belford-roxo-24834644
8	Polícia vai a dois endereços e faz novas buscas por meninos desaparecidos há 16 dias em Belford Roxo	12/01/2021 - 18:00	https://oglobo.globo.com/rio/policia-vai-dois-enderecos-faz-novas-buscas-por-meninos-desaparecidos-ha-16-dias-em-belford-roxo-24835051

9	Meninos desaparecidos na Baixada: informações falsas e boato que quase termina em tragédia	13/01/2021 - 07:16	https://oglobo.globo.com/rio/meninos-desaparecidos-na-baixada-informacoes-falsas-boato-que-quase-termina-em-tragedia-1-24835901
10	Crianças desaparecidas em Belford Roxo: polícia investigará roupas com sangue encontradas com suspeito	13/01/2021 - 12:50	https://oglobo.globo.com/rio/criancas-desaparecidas-em-belford-roxo-policia-investigara-roupas-com-sangue-encontradas-com-suspeito-24836377
11	Avó de meninos desaparecidos na baixada relata drama: “não consigo mais dormir, nem comer”	14/01/2021	https://oglobo.globo.com/rio/avo-de-meninos-desaparecidos-na-baixada-relata-drama-nao-consigo-mais-dormir-nem-comer-24837395
12	Operação em comunidade de Belford Roxo busca três meninos sumidos há 19 dias	15/01/2021	https://oglobo.globo.com/rio/operacao-em-comunidade-de-belford-roxo-busca-tres-meninos-sumidos-ha-19-dias-1-24839791
13	Mães usam brinquedos para fazer apelo por três crianças desaparecidas na baixada fluminense	26/01/2021	https://oglobo.globo.com/rio/maes-usam-brinquedos-para-fazer-apelo-por-tres-criancas-desaparecidas-na-baixada-fluminense-24856093
14	Sangue encontrado em roupas não é dos meninos desaparecidos em Belford Roxo	03/02/2021	https://oglobo.globo.com/rio/sangue-encontrado-em-roupas-nao-dos-meninos-desaparecidos-em-belford-roxo-24867128
15	Bandidos investigados pelo sumiço de três meninos em Belford Roxo são alvo de operação	21/05/2021 - 08:20	https://oglobo.globo.com/rio/bandidos-investigados-pelo-sumico-de-tres-meninos-em-belford-roxo-sao-alvo-de-operacao-1-25027667
16	Operação da polícia termina sem informações sobre paradeiro dos três meninos de Belford Roxo	21/05/2021 - 14:36	https://oglobo.globo.com/rio/operacao-da-policia-termina-sem-informacoes-sobre-paradeiro-dos-tres-meninos-de-belford-roxo-25027964
17	No Dia das Crianças Desaparecidas, mães de meninos sumidos na Baixada ainda têm esperanças de encontrar os filhos vivos	25/05/2021	https://oglobo.globo.com/rio/no-dia-das-criancas-desaparecidas-maes-de-meninos-sumidos-na-baixada-ainda-tem-esperancas-de-encontrar-os-filhos-vivos-25032278
18	Sumiço de meninos na Baixada chega a seis meses sem avanço na investigação	27/06/2021	https://oglobo.globo.com/rio/sumico-de-meninos-na-baixada-chega-seis-meses-sem-avanco-na-investigacao-25079264

19	Polícia tem duas linhas de investigação e checa novas informações para encontrar meninos desaparecidos	01/07/2021	https://oglobo.globo.com/rio/policia-tem-duas-linhas-de-investigacao-que-checka-novas-informacoes-para-enc-contrar-meninos-desaparecidos-25085836
20	Decretada prisão de suspeitos de torturar homem acusado injustamente de sumiço de meninos	16/07/2021	https://oglobo.globo.com/rio/decretada-prisao-de-suspeitos-de-torturar-homem-acusado-injustamente-de-sumico-de-meninos-1-25111871
21	Acusado pelo irmão por sumiço de meninos na Baixada diz que jogou sacos em rio a pedido de traficantes	29/07/2021	https://oglobo.globo.com/rio/acusado-pelo-irmao-por-sumico-de-meninos-na-baixada-diz-que-jogou-sacos-em-rio-pedido-de-trafficantes-25132417
22	Avó de meninos sumidos na Baixada questiona relato que cita corpos descartados em rio: 'Estão vivos, é para despistar'	30/07/2021 - 04:30	https://oglobo.globo.com/rio/avo-de-meninos-sumidos-na-baixada-que-questiona-relato-que-cita-corpos-descartados-em-rio-estao-vivos-para-despistar-25133115
23	Polícia acha restos mortais em rio na Baixada onde mergulhadores buscam corpos de meninos desaparecidos	30/07/2021 - 10:14	https://oglobo.globo.com/rio/policia-acha-restos-mortais-em-rio-na-baixada-onde-mergulhadores-buscam-corpos-de-meninos-desaparecidos-25133443
24	Meninos desaparecidos: famílias não acompanharam buscas por corpos por acreditar que estão vivos, diz defensora pública	30/07/2021 - 16:33	https://oglobo.globo.com/rio/meninos-desaparecidos-familias-nao-acompanharam-buscas-por-corpos-por-acreditar-que-estao-vivos-diz-defensora-publica-1-25133922
25	Meninos desaparecidos de Belford Roxo: ossada encontrada em rio não é humana	02/08/2021 - 13:51	https://oglobo.globo.com/rio/meninos-desaparecidos-de-belford-roxo-ossada-encontrada-em-rio-nao-humana-25137152
26	Meninos desaparecidos de Belford Roxo: ossos são de cauda de animal, diz laudo	02/08/2021 - 17:14	https://oglobo.globo.com/rio/meninos-desaparecidos-de-belford-roxo-ossos-sao-de-cauda-de-animal-diz-laudo-25137463
27	Suspeito por desaparecimento de meninos deixou a cadeia beneficiado por 'saidinha' de Dia das Mães e não voltou	03/08/2021	https://oglobo.globo.com/rio/suspeito-por-desaparecimento-de-meninos-deixou-cadeia-beneficiado-por-saidinha-de-dia-das-maes-nao-voltou-25137735

28	Desaparecimento de meninos de Belford Roxo é denunciado a comitê da ONU	09/08/2021	https://oglobo.globo.com/rio/desaparecimento-de-meninos-de-belford-roxo-denunciado-comite-da-onu-2-25147402
29	Polícia acredita que meninos desaparecidos na Baixada Fluminense foram mortos por traficantes	19/08/2021	https://oglobo.globo.com/rio/policia-acredita-que-meninos-desaparecidos-na-baixada-fluminense-foram-mortos-por-trafficantes-1-25160936
30	PM faz operação e ocupa Morro do Castelar, em Belford Roxo, onde moravam meninos desaparecidos	11/09/2021	https://oglobo.globo.com/rio/pm-faz-operacao-ocupa-morro-do-castelar-em-belford-roxo-onde-moravam-meninos-desaparecidos-1-25193678
31	Polícia investiga se morte de suspeito do desaparecimento dos meninos de Belford Roxo tem envolvimento com facção criminosa	10/10/2021	https://oglobo.globo.com/rio/policia-investiga-se-morte-de-suspeito-do-desaparecimento-dos-meninos-de-belford-roxo-tem-envolvimento-com-facciao-criminosa-1-25232122
32	Polícia diz que tentativa de resgate de presos com helicóptero tinha relação com desaparecimento dos três meninos na Baixada Fluminense	27/10/2021	https://oglobo.globo.com/rio/policia-diz-que-tentativa-de-resgate-de-presos-com-helicoptero-tinha-relacao-com-desaparecimento-dos-tres-meninos-na-baixada-fluminense-25254229
33	Pai de menino de 9 anos que desapareceu em Belford Roxo entrou para facção rival de traficantes para se vingar de supostos assassinos do filho	30/10/2021	https://oglobo.globo.com/rio/pai-de-menino-de-9-anos-que-desapareceu-em-belford-roxo-entrou-para-facciao-rival-de-trafficantes-para-se-vingar-de-supostos-assassinos-do-filho-25258589
34	Pai de menino desaparecido em Belford Roxo se associou a facção para se vingar e ficará preso preventivamente	01/11/2021	https://oglobo.globo.com/rio/pai-de-menino-desaparecido-em-belford-roxo-se-associou-facciao-para-se-vingar-ficara-preso-preventivamente-25260010
35	Polícia prende traficante acusado de torturar morador pelo caso dos três meninos desaparecidos	09/11/2021	https://oglobo.globo.com/rio/policia-prende-trafficante-acusado-de-torturar-morador-pelo-caso-dos-tres-meninos-desaparecidos-25270408
36	Meninos desaparecidos em Belford Roxo: um foi torturado até a morte, os outros dois foram executados, diz investigação	09/12/2021 - 08:52	https://oglobo.globo.com/rio/meninos-desaparecidos-em-belford-roxo-um-foi-torturado-ate-morte-os-outros-dois-foram-executados-diz-inve

			stigacao-25312008
37	Testemunha e telefonema ajudaram polícia a descobrir autores das mortes de meninos de Belford Roxo	09/12/2021 - 18:44	https://oglobo.globo.com/rio/testemunha-telefonema-ajudaram-policia-descobrir-autores-das-mortes-de-meninos-de-belford-roxo-25313046
38	Meninos de Belford Roxo: 'Sentimento de ódio, de revolta, de tristeza. Não conseguimos dormir direito', diz parente após encerramento do inquérito	10/12/2021	https://oglobo.globo.com/rio/meninos-de-belford-roxo-sentimento-de-odio-de-revolta-de-tristeza-nao-conseguimos-dormir-direito-diz-parente-apos-encerramento-do-inquerito-25313856

Fonte: Elaboração da autora, 2022.

8.2. APÊNDICE B - Matérias publicadas pela Folha de S.Paulo sobre o caso dos meninos de Belford Roxo.

	Título:	Data:	Link:
01	Três crianças estão desaparecidas no RJ há uma semana; parentes protestam	03/01/2021	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/01/tres-criancas-estao-desaparecidas-no-rj-ha-uma-semana-parentes-protestam.shtml
02	Após três meses, investigação sobre sumiço de meninos em Belford Roxo (RJ) patina	17/04/2021	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/04/apos-tres-meses-investigacao-sobre-sumico-de-meninos-em-belford-roxo-rj-patina.shtml
03	Polícia prende 16 pessoas investigadas por sumiço de meninos em Belford Roxo (RJ)	21/05/2021	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/05/policia-prende-16-pessoas-investigadas-por-sumico-de-meninos-em-belford-roxo-rj.shtml
04	Homem acusa irmão de ocultar corpos de meninos desaparecidos em Belford Roxo, no RJ	28/07/2021	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/07/homem-acusa-irmao-de-ocultar-corpos-de-meninos-desaparecidos-em-belford-roxo-no-rj.shtml
05	Polícia acha ossada em área onde homem teria deixado corpos dos 3 meninos de Belford Roxo	30/07/2021	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/07/policia-acha-ossada-em-area-onde-homem-teria-deixado-corpos-dos-3-meninos-de-belford-roxo.shtml
06	Ossada achada pela polícia em Belford Roxo não é dos meninos desaparecidos há 7 meses	02/08/2021	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/08/ossada-achada-pela-policia-em-belford-roxo-nao-e-dos-meninos-desaparecidos-ha-7-meses.shtml
07	Roubo de passarinho levou traficantes a matar meninos em Belford Roxo (RJ)	09/09/2021	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/09/traficantes-mataram-meninos-desaparecidos-ha-9-meses-em-belford-roxo-rj-diz-secretario.shtml
08	Caso dos meninos de Belford Roxo não chegou ao fim, diz Defensoria	10/09/2021	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/09/caso-dos-meninos-de-belford-roxo-nao-chegou-ao-fim-diz-defensoria.shtml
09	Pai de menino desaparecido em Belford Roxo é preso após entrar em facção para se vingar	30/10/2021	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/10/pai-de-menino-desaparecido-em-belford-roxo-e-preso-apos-entrar-em-faccao-para-se-vingar.shtml

10	Polícia prende suspeito de encomendar tortura no caso do meninos desaparecidos de Belford Roxo	09/11/2021	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/11/policia-prende-suspeito-d-e-encomendar-tortura-no-caso-do-meninos-desaparecidos-de-belford-roxo.shtml
11	16 são presos em operação para apurar morte dos meninos de Belford Roxo	09/12/2021 - 09:42	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/12/policia-faz-operacao-para-prender-suspeitos-da-morte-de-meninos-desaparecidos-em-belford-roxo.shtml
12	Meninos de Belford Roxo foram mortos após sessão de tortura que deu 'errado', diz polícia	09/12/2021 - 15:20	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/12/meninos-de-belford-roxo-foram-mortos-apos-sessao-de-tortura-que-deu-errado-diz-policia.shtml

Fonte: Elaboração da autora, 2022.